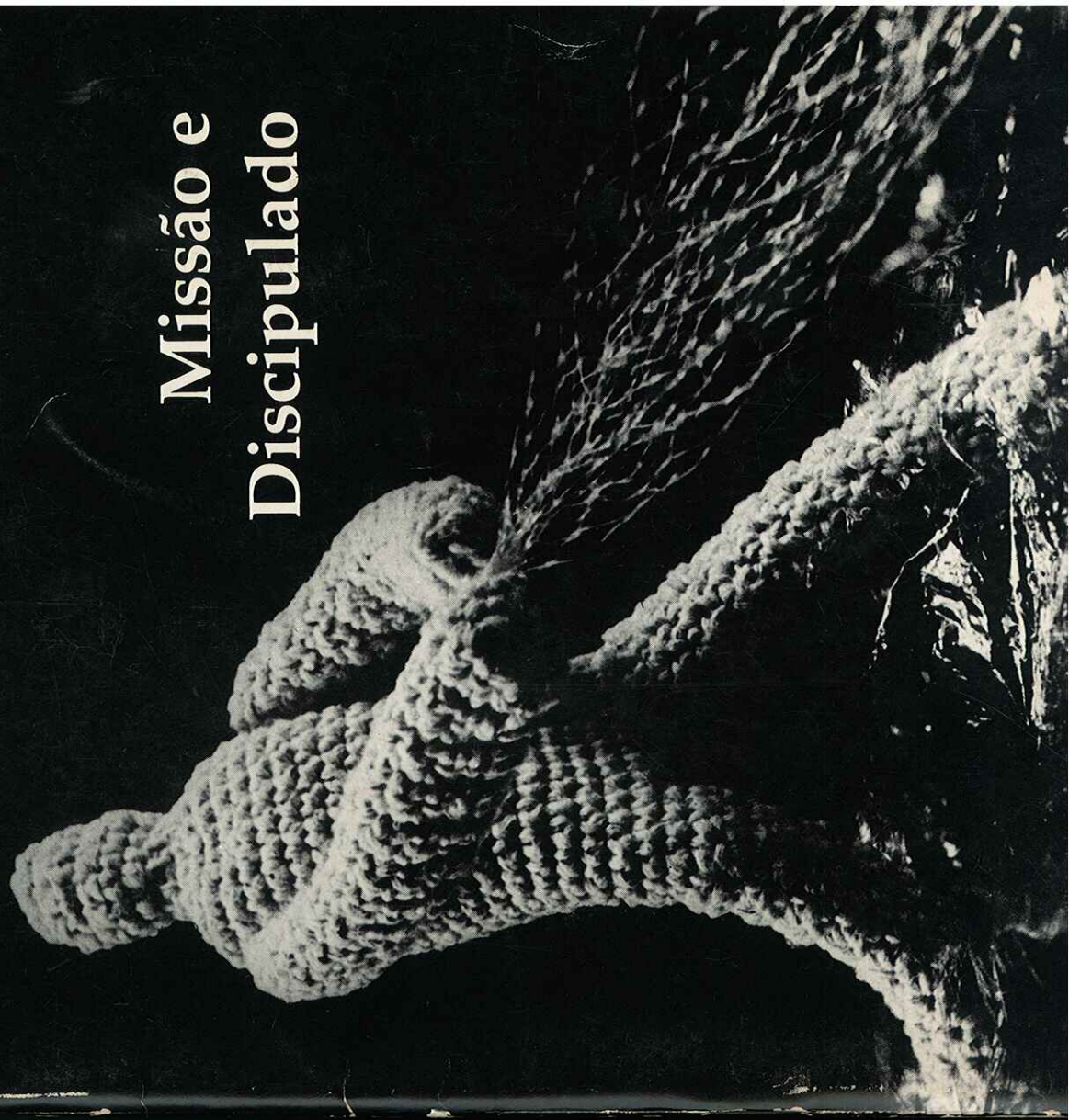


3^{de} Cruz MALTA

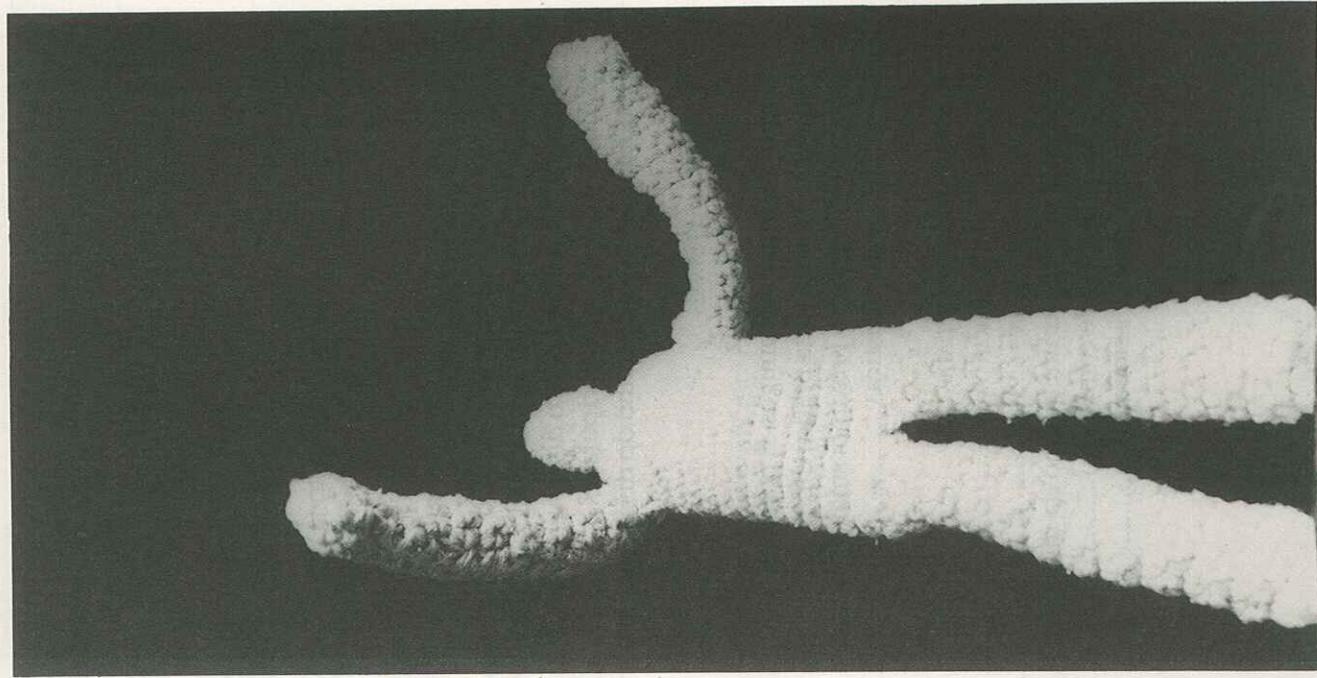
**Missão e
Discipulado**



Cruz de Malta

ÍNDICE

A MISSÃO E O DISCIPULADO	
Estudo 1 - Chamado ao discipulado	7
Estudo 2 - O significado do discipulado	11
Estudo 3 - Condições para o discipulado	15
Estudo 4 - Opção pelo discipulado	19
Estudo 5 - Envio: o caminho do discipulado	23
A MISSÃO E OS SINAIS	
Estudo 6 - O sal e a luz	25
Estudo 7 - Amar os inimigos. É possível?	29
Estudo 8 - Perdão: uma prática difícil	33
Estudo 9 - O amor ao próximo: sinal da missão ...	37
Estudo 10 - A nova justiça	41
A MISSÃO E A COMUNIDADE	
Estudo 11 - A vigilância	45
Estudo 12 - O lava-pés	49
Estudo 13 - Unidade: um desafio da missão	53
Estudo 14 - A grande comissão	57
Estudo 15 - Visão missionária	61



A MISSÃO E O DISCIPULADO

(A prática de Jesus)

A missão é o grande tema desta Unidade. Para melhor aproveitamento do tempo e da oportunidade de estudá-la, foi dividida em três sub-unidades:

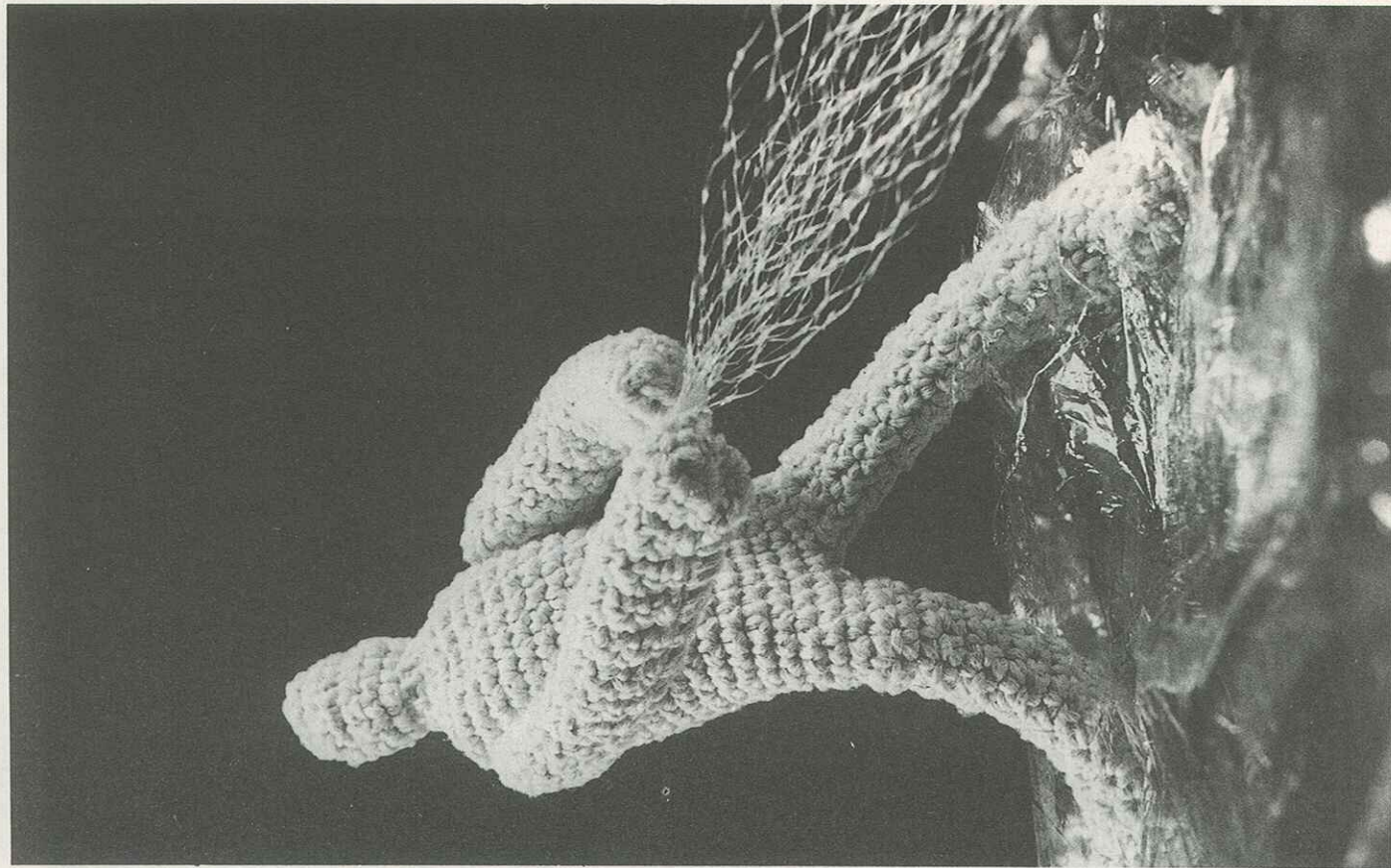
1. A missão e o discipulado.
2. A missão e os sinais.
3. A missão e a comunidade

Nossa principal ênfase será a prática e o ministério de Jesus frente ao discipulado e à missão. As lições estão divididas em quatro partes:

- **O texto**, que é o básico para a aula. Incentivamos a buscar textos paralelos e que ajudem a complementar o estudo.
- **Relendo**, uma apresentação sintética do texto e algumas explicações.
- **Compreendendo**, que traz observações a respeito do texto que podem ajudar a compreendê-lo melhor.
- **Vivenciando** o texto e refletindo em grupo, uma utilização dos textos nos dias de hoje para a vida e a reflexão da Igreja.

A todos bom trabalho! E que a missão possa ser não só assunto de classe mas, acima de tudo, prática de todo dia!

Marcos Antonio Garcia - redator



CHAMADO AO DISCIPULADO

O texto

Mateus 4.18-22

(leia também Lc 5.1-11; Mt 9.36-10.1)

Relendo

O texto de Mateus 4.18-22 nos apresenta a vocação dos quatro primeiros discípulos. Em meio ao seu trabalho cotidiano aparece um novo desafio.

Ao invés de pescar peixes, são chamados a ser pescadores de homens. Este novo desafio é apresentado por Jesus.

Em Mateus 9.36 e 10.1 encontramos a contrapartida do chamado. Jesus vê a multidão que está "como ovelhas sem pastor". Estas duas realidades são apresentadas nestes textos. De um lado, o chamado à missão; de outro, a necessidade de pessoas para realizar esta missão. De um lado o envio; de outro, a necessidade!

Compreendendo

É importante perceber o lugar em que se encontram estes dois textos do evangelho de Mateus. O primeiro prepara para o sermão do monte. Ao chamado para o discipulado seguem-se as orientações do que é ser um verdadeiro discípulo. O segundo texto é uma introdução ao ensino sobre as dificuldades e as características da missão. O

elo comum entre estes dois textos é que o chamado ao discipulado exige compromisso. Este compromisso manifesta-se como um compromisso com o Reino de Deus e sua justiça, apresentada no Sermão do Monte. É também um compromisso com a missão, seus desafios e suas dificuldades. Este compromisso requer opções radicais onde nem a família pode ser mais importante que a missão. Neste contexto, a prática de vida dos cristãos não pode seguir o modelo de outros grupos, que apresentam outras soluções para os compromissos de vida. Por isso os discípulos devem fazer com que sua justiça exceda a dos fariseus e publicanos. Uma pergunta poderia ajudar a entender o que este texto significou para as comunidades cristãs que se formavam no primeiro século: o que este texto significava para a comunidade de Mateus?

A comunidade de Mateus viveu fora da Judéia após a destruição do templo de Jerusalém no ano 70. Com a destruição do templo os fariseus reorganizaram o judaísmo, tornando-o extremamente rigoroso com relação às leis e práticas farisaicas, ameaçando de expulsão todos aqueles que não seguissem suas normas.

Com isso, a comunidade — que já não tinha pátria — viu-se ameaçada de perder também sua identidade cultural devido a sua fé cristã.

Os textos levaram àquela comunidade um desafio. Os seus próprios irmãos (judeus) esforçavam-se para vê-los renegar a Cristo. Nesta hora o compromisso de fé que o cristianismo coloca é radical. Nenhuma pessoa, instituição ou qualquer outra coisa pode ser colocada acima dos compromissos que o Reino coloca.

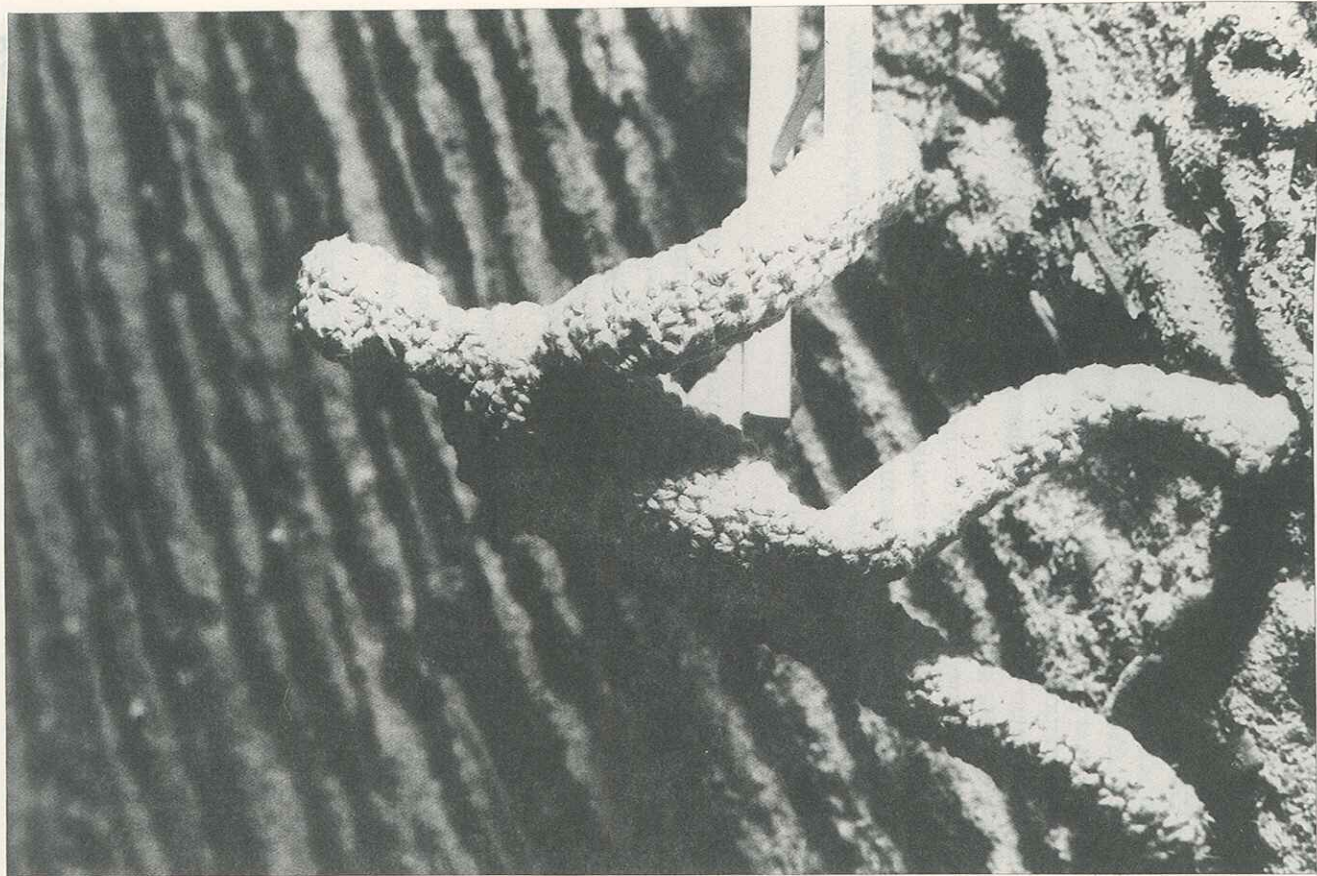
Vivenciando

Vivemos um período em que os conceitos de missão, discipulado e compromisso com o Reino já não despertam tanta paixão. Por muitas vezes os olhos estão como que turvados para enxergar a Seara, que é grande e os trabalhadores são poucos. Frente a este quadro torna-se fundamental resgatar as lições que estes textos trazem.

O chamado ao discipulado, o compromisso com o Reino, as mudanças radicais no modo de vida que este compromisso coloca constituem-se em alicerce da vida cristã. Com isso somos levados a questionar nossa prática de vida nas igrejas, no lar e em todos os momentos de nosso viver. Do mesmo modo, somos desafiados a checar tudo que se opõe à nossa fé levando-nos a negar a Cristo.

Refletindo em grupo

1. Como vive sua comunidade frente aos desafios que a missão coloca?
2. Faça uma lista do que obstrui a prática da fé cristã na sua igreja e na vida de cada um dos seus participantes.
3. Qual a idéia que o grupo tem sobre “discipulado”?
4. Faça um levantamento sobre os possíveis lugares para a prática da missão.
5. Procure estabelecer no grupo um projeto para alcançar uma parte destes desafios levantados anteriormente.



O SIGNIFICADO DO DISCIPULADO

O texto

Lucas 9.57-62

Relendo

O texto fala de algumas situações em que o discipulado se coloca acima de outros valores. O primeiro personagem quer seguir a Jesus mas é alertado por Ele de que o filho do homem não tem onde reclinar a cabeça. O segundo é convidado ao discipulado mas reluta em aceitar pois quer primeiro enterrar seu pai. O terceiro se apresenta como alguém desejoso de seguir a Jesus, mas quer, em primeiro lugar, despedir-se dos que estavam em sua casa. Jesus lhe adverte que quem deseja segui-lo não deve olhar para trás.

Compreendendo

O texto se apresenta com uma estrutura interessante:

- primeiro personagem: se oferece para seguir a Jesus;
- segundo personagem: é chamado para ser discípulo;
- terceiro personagem: se oferece para seguir a Jesus.

Vamos deter nossa atenção no primeiro e no terceiro personagens, que se oferecem para se-

guir a Jesus. Os dois manifestam o mesmo desejo e aos dois surgem advertências. O primeiro não coloca nenhuma condição; ao contrário, afirma que vai seguir Jesus em qualquer lugar que Ele vá. A ele é lembrado que o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça. Em outras palavras, a disposição ao discipulado tem de estar associada a uma consciência muito clara dos desafios que isto significa. O terceiro também manifesta o desejo de segui-lo, mas coloca uma condição: despedir-se primeiro dos que vivem em sua casa. A este é lembrado que aquele que lança a mão ao arado não pode olhar para trás. O compromisso com o discipulado não admite imposição de condições. O primeiro e o último personagens formam um quadro em que o desejo de seguir a Jesus é confrontado com duas práticas não admissíveis. Há de ter plena consciência do que significa ser cristão e há de estar consciente que não há nenhuma pré-condição que se coloque ao discipulado.

O personagem central ocupa um lugar importante não apenas na estrutura, mas também no conteúdo deste texto. Ele é o único chamado ao discipulado. Aceita o convite, porém pede para primeiro ir enterrar seu pai, ao que lhe é respondido que os mortos devem enterrar seus mortos e ele deve anunciar o Reino de Deus.

Este texto tem sido um problema para os estudiosos do Novo Testamento. Sua radicalidade é tão grande que assusta; para abrandá-lo, alguns estudiosos propuseram que o pai do referido personagem ainda estaria vivo e que, conseqüentemente, a solicitação do personagem era de continuar com o pai até sua morte.

O texto não dá nenhuma pista para chegarmos a esta conclusão. Entendemos que a frase deve ser compreendida em toda a sua abrangência. Nem o enterro do pai deve estar acima do discipulado.

O mundo tem mortos suficientes (espiritualmente) para enterrar os mortos (físicamente). O que ele não tem são pessoas para anunciar o Reino de Deus. A disposição de seguir a Jesus se coloca de forma radical e absurda para os conceitos do mundo, mas assim é. Por isso é necessária uma profunda consciência do passo que se está tomando, um despojar-se de todas as condições que nos amarram e uma convicção de que a missão se coloca acima dos valores e da lógica do mundo em que vivemos. Isto constitui a radicalidade do compromisso do discipulado cristão!

Vivenciando

Esta proposta nos choca ainda hoje. Isto é sinal de que sua radicalidade ainda nos abala, nos desafia e nos convida a assumirmos compromissos mais sérios com os valores do Reino de Deus.

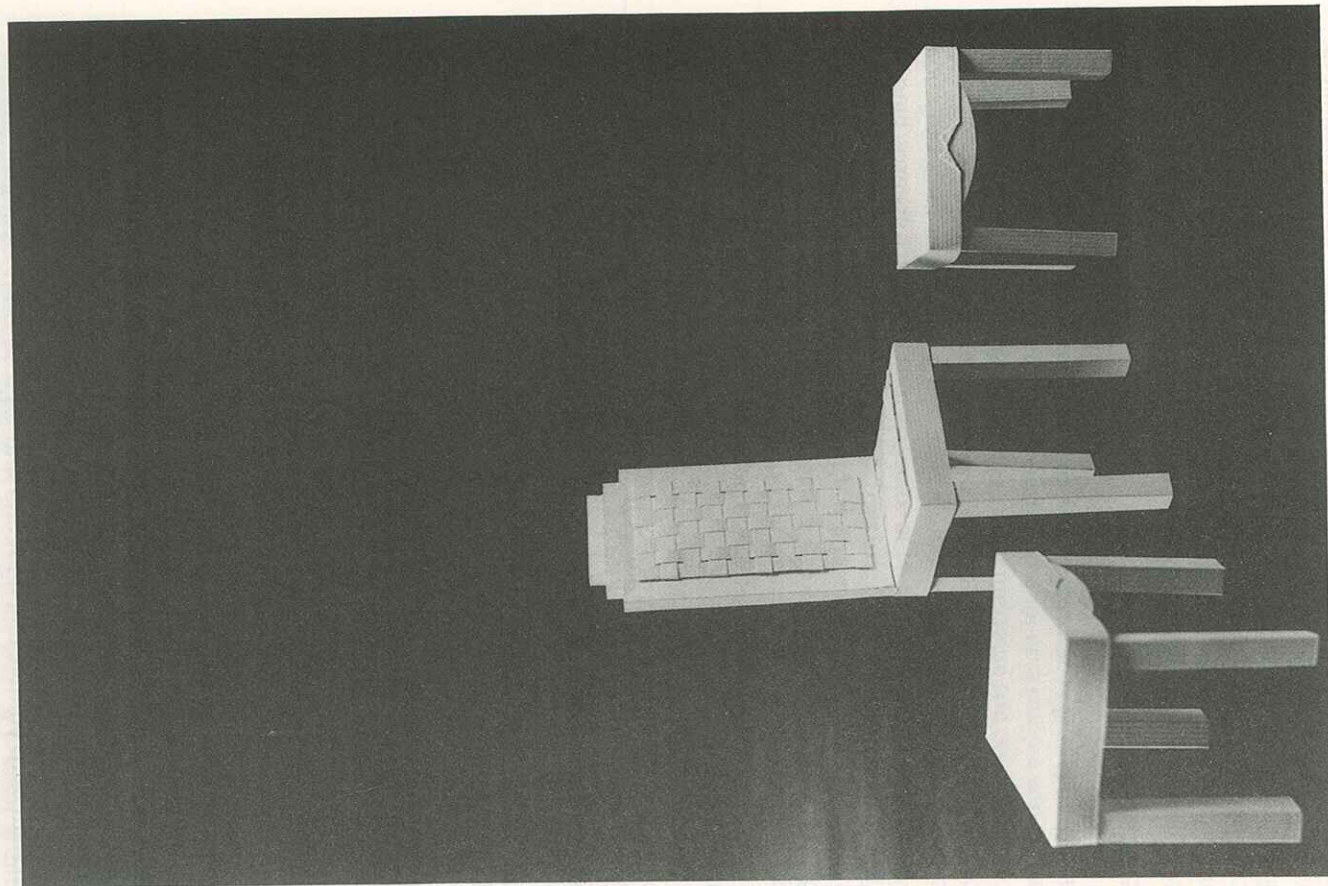
É muito comum encontrar entre nós pessoas que assumem o cristianismo em meio à euforia para depois se chocar com as dificuldades da prática da missão cristã. Também encontramos aquelas dispostas a seguir Jesus e assumir os

compromissos desta escolha, mas que antes têm alguma coisa mais importante para fazer.

Finalmente, encontramos pessoas que dentro da nossa compreensão apresentam justificativas lógicas para retardar a decisão; ainda assim, a lógica do Reino é diferente da nossa lógica. Este último caso é o mais difícil de identificar na vida da Igreja porque muitas vezes é o nosso próprio retrato. É nesta hora que o desafio, a radicalidade e o verdadeiro significado do discipulado cristão tem de surgir em nossas vidas e na vida de nossas comunidades.

Refletindo em grupo

1. É possível para o grupo identificar estas situações na vida da Igreja hoje?
2. Dê exemplos de desculpas que configurariam cada um dos casos apresentados.
3. Discuta com o grupo como o compromisso com o discipulado pode questionar nossos valores. Quais valores seriam os mais seriamente questionados?
4. Faça uma lista das desculpas mais frequentes que surgem na vida da igreja como impedimento à prática do discipulado.
5. Em quais dessas você se encaixa? O que fazer para mudar isso?



CONDIÇÕES PARA O DISCIPULADO

O texto

Marcos 8.31-33,34-38; 10.35-45

Relendo

Temos três situações concretas de onde brotam ensinamentos sobre as condições para seguir a Jesus. O primeiro relata a atuação de Pedro frente ao discurso de Jesus sobre a Paixão e sua morte. Pedro ainda não havia entendido claramente as condições básicas para seguir a Jesus. Quando ele se defronta com a radicalidade da posição do mestre frente às autoridades religiosas e políticas de sua época busca preservar a vida de Jesus, desencorajando-o a ir para Jerusalém. Nesta hora Pedro é mais um a compor as forças do mundo que buscam fazer a lógica do tempo presente prevalecer sobre a lógica do Reino de Deus. Pedro é advertido com palavras duras: "Afasta-te de mim, Satanás, porque não pensas nas coisas de Deus mas nas dos homens".

O segundo texto é um convite para assumir integralmente a missão, o que implica negar-se a si mesmo, tomar sua cruz e seguir a Jesus.

Quem fizer isto, perdendo sua vida irá salvá-la; caso contrário, irá perdê-la. A terceira situação confronta os valores do presente com os valores do Reino. Tiago e João pedem para participar da glória de Jesus. No Reino, um quer sentar-se à

direita e o outro à esquerda do trono. Jesus pergunta se eles podem participar de seu cálice, pois não cabia a Ele oferecer o lugar no trono. A única coisa que poderia ser realmente oferecida era a participação no cáli da glória de Jesus. No Reino, um quer sentar-se à direita e o outro à esquerda do trono. Jesus pergunta se eles podem participar de seu cálice, pois não cabia a Ele oferecer o lugar no trono. A única coisa que poderia ser realmente oferecida era a participação no cálice.

Compreendendo

O primeiro texto tem uma mensagem clara e direta: seguir a Cristo é escolher a um Senhor e a um caminho. Qualquer ação movida em direção diferente à da vontade de Cristo leva ao jugo de um outro senhor. É ser Satanás? Seguir a Cristo é saber discernir em meio às contradições das vontades que tentam imperar qual é a de Jesus!

O segundo texto é um pouco mais complexo, pois apresenta um dado histórico que precisa ser observado. É comum ouvir falar sobre o "tomar a sua cruz" como assumir uma vida de sofrimento, dor, angústia, uma posição masoquista. Não é bem este o sentido da frase. Antes de ser usada por Jesus ela já era lema de um outro grupo — os zelotes. Este grupo, como movimento revolucionário, vivia diariamente à iminência da cruz — castigo dos romanos para aqueles que atentavam contra a ordem.

Deste modo, quando alguém queria ingressar no movimento deveria estar consciente do risco que corria. Por isso "tomava a sua cruz", isto é, assumia o risco da morte devido a suas convicções. Isto servia para evitar o ingresso de entusiastas ("fogo de palha"), eufóricos em um primeiro momento mas entrando em desespero frente às perseguições, podendo abandonar suas convicções e trair o movimento.

Ao usar esta frase Jesus referia-se a este mesmo sentido. Ninguém ingressava no movimento de Jesus para salvar a sua vida ou tê-la como centro dos interesses, atenções e esforços. Ao contrário, ingressava no movimento e perdia sua vida, muitas vezes literalmente, como resultado do viver a vontade de Deus em meio a uma sociedade injusta.

O terceiro texto completa este segundo. É um exemplo concreto do desejo pernicioso de ingressar no movimento visando os prêmios do Reino. Não compete a Jesus chamar ninguém para oferecer prêmios. O que Ele pode oferecer aos seus seguidores é a oportunidade de participar do seu cálice. O cálice é o caminho do Reino; buscar a própria glória é o caminho que conduz à direção oposta. O fio condutor que amarra estes três textos é a luta entre a vontade humana e o caminho de Deus.

Vivenciando

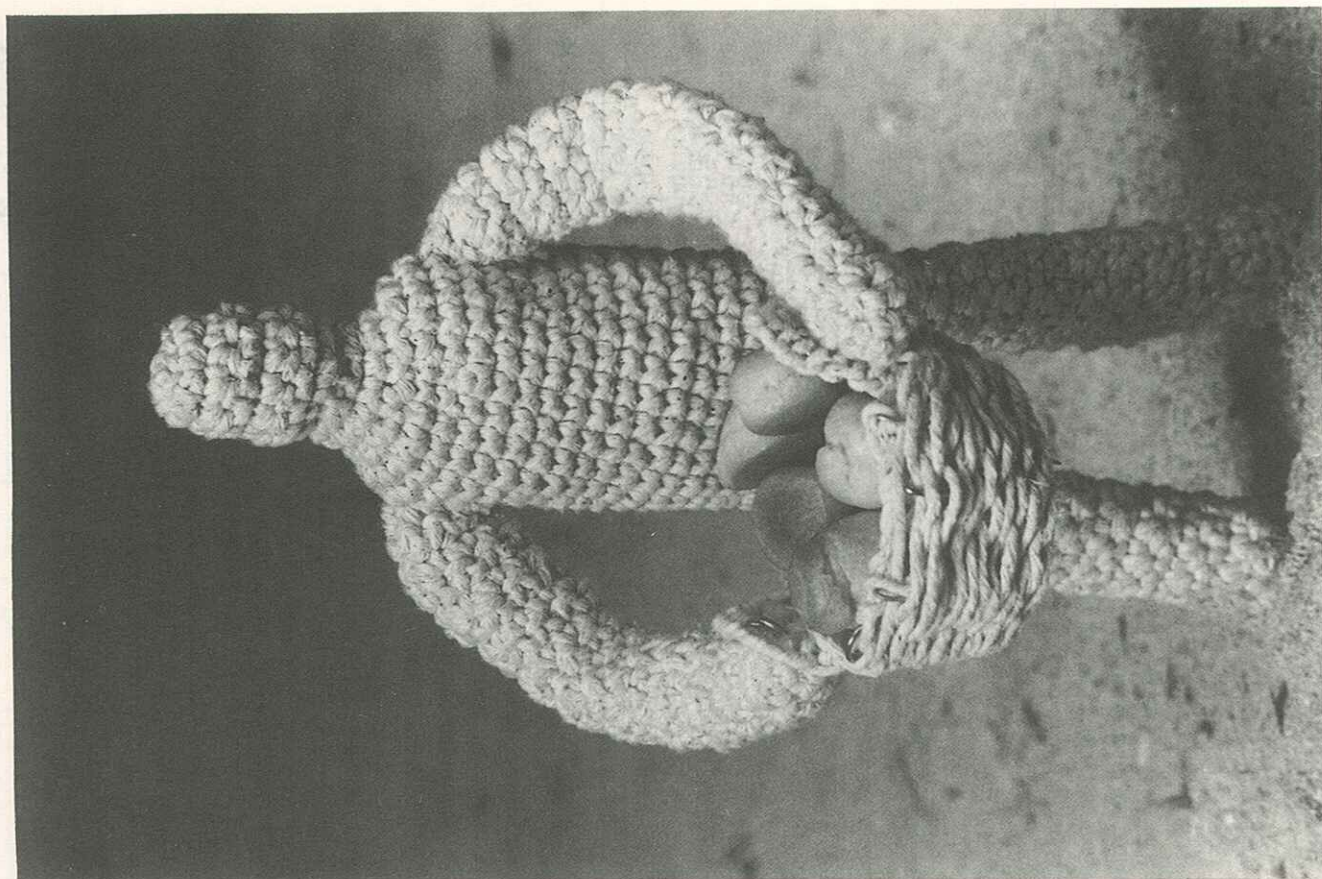
Parece que estamos olhando para as nossas igrejas quando olhamos para estes textos. Quantas vezes frente a um desafio maior buscamos um caminho mais fácil, "fugindo de Jerusalém". Também não é difícil encontrar aqueles que iniciam uma febril vida cristã mas que "esfriam" tão rápido como começaram. Ao se defrontarem com as primeiras dificuldades perdem o vigor.

Muito mais fácil é encontrar aqueles que buscam glória pessoal através da prática da vida na Igreja. E poderíamos finalmente dizer: mais comum do que tudo isto é descobrir que, em muitos momentos, acabamos nos enquadrando em uma destas três características anteriores ao fazermos uma análise de nossa vida e da vida da nossa comunidade.

Por isso o texto coloca claramente as condições para o discipulado. A primeira é colocar o caminho de Jerusalém como o nosso caminho; a segunda é ter muito claro o que significa fazer esta opção; a terceira é estar consciente de que esta opção é baseada na fé em Cristo e não no desejo de autopromoção.

Refletindo em grupo

1. Faça uma avaliação da caminhada do grupo do qual você faz parte e verifique se é verdade que muitas vezes incorremos em uma destas três características.
2. Faça uma avaliação da "Igreja Dons e Ministérios" frente à "Igreja Cargos e Poder":
 - Quais as diferenças fundamentais?
 - O que estas mudanças exigiram das pessoas?
 - O que provocaram na vida da Igreja?
 - Quais são os desafios a serem ainda vencidos?
3. Como o estudo destas três características do discipulado pode ajudar neste processo?



OPÇÃO PELO DISCIPULADO

O texto

Mateus 6.24-34

Relendo

O texto apresenta ensinamentos sobre a opção pelo discipulado. A primeira lembrança é a possibilidade de servir a dois senhores. A segunda é que, olhando a natureza, percebemos que não adianta preocupar-se com o que comer ou beber, pois esta é a preocupação daqueles que não estão no caminho do Reino. A terceira, como uma advertência, exorta a buscar o Reino de Deus e sua justiça em primeiro lugar. Finalmente, como um conselho, exorta a não se preocupar com o dia de amanhã; basta a cada dia o seu próprio mal.

Compreendendo

Este texto faz parte do Sermão do Monte. Está incluído nas orientações para que os discípulos vivam o difícil caminho do discipulado cristão. A chave para entender este texto está no versículo 32, onde é lembrado que são os gentios que se preocupam com o que deverão comer ou beber. É importante perceber em tal afirmação, uma crítica à lógica da acumulação dos gentios, em especial a fome de acúmulo que o Império Romano possuía. Desta forma não se critica que

aconteça uma preocupação justa com a sobrevivência baseada na necessidade do pão. Isto percebemos nos próprios relatos do NT, pois quando olhamos para o exemplo das igrejas cristãs encontramos momentos de preocupação com a "comida" do amanhã. Um deles é a preocupação de Paulo com a fome na Igreja de Jerusalém, organizando para ela uma coleta entre as igrejas. Com isso o texto não quer despertar na comunidade cristã uma passividade frente aos desafios da vida. O que ele quer é condicionar a vida a um novo princípio orientador. Se a vida dos gentios é dirigida pela lógica do futuro, onde a prática do hoje é condicionada à preocupação com a roupa e a comida que se vai vestir e comer amanhã, a prática do cristão deverá ser regida por uma outra lógica.

Quando eu vivo hoje para atender aos interesses do amanhã sirvo a um Senhor diferente: ao meu corpo e ao dinheiro. A opção pelo Reino coloca Cristo como Senhor da nossa vida e o desafio de viver sua vontade a cada dia. Desta forma, não é a lógica do acúmulo para o amanhã que rege a vida mas é a missão cotidiana que impulsiona a caminhada cristã. Cada dia apresenta seus desafios e seu próprio mal. Assim, o verdadeiro comer e vestir é a prática diária da vontade soberana de Deus.

Vivenciando

Nada mais atual para os nossos dias do que este texto e seus desafios. Quando ligamos a TV, o rádio, abrimos o jornal, revistas, ou ouvimos qualquer conversa na rua, o tema é acumular para o amanhã. Logicamente isto é provocado pela crise econômico-financeira que marca o momento atual, e é até aconselhável encarar o amanhã com atenção e cuidado.

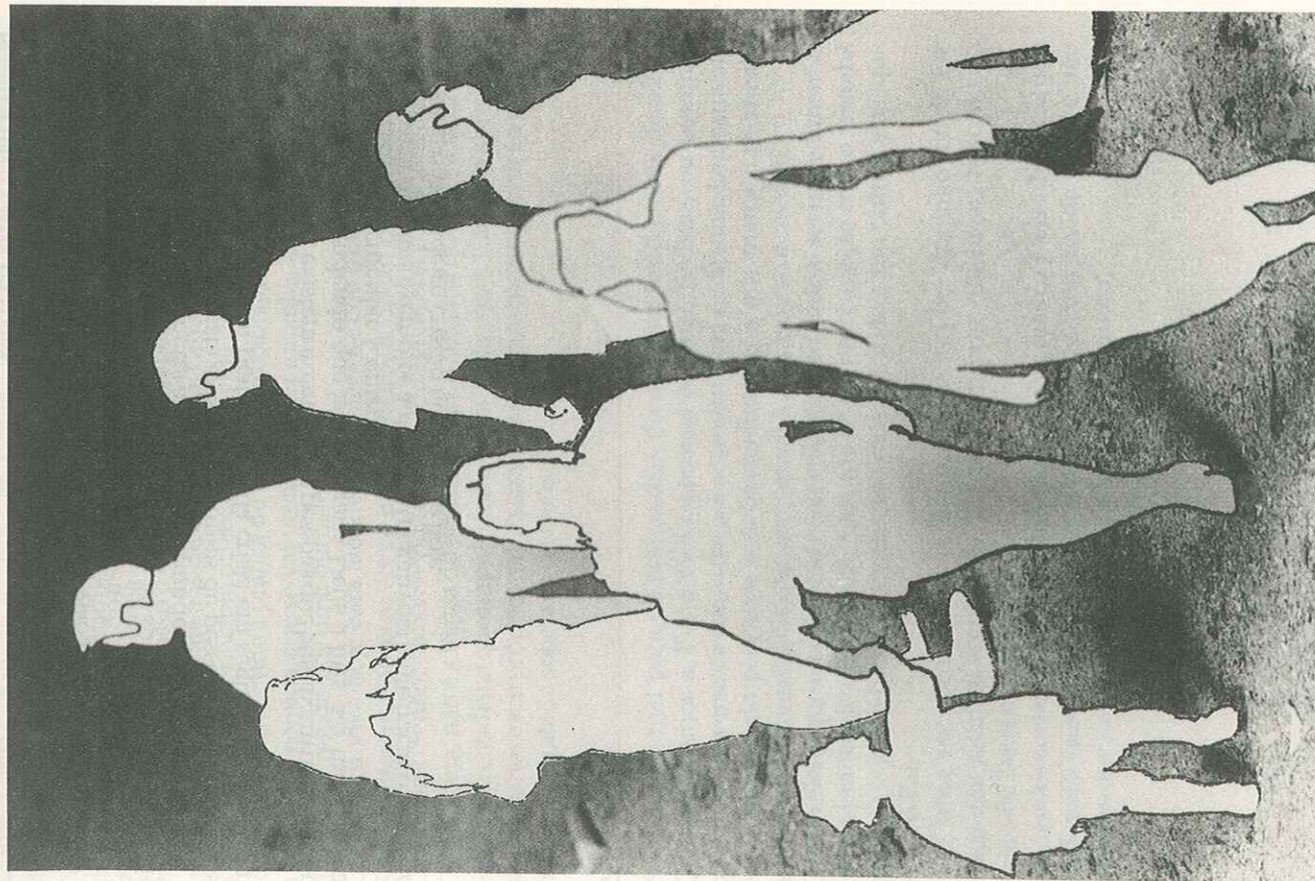
O texto alerta que esta atenção e este cuidado não podem ser impedimentos para a prática do discipulado. Quando nossa preocupação com o amanhã torna-se o lastro de nossas vidas estamos servindo a um outro Deus, que não é o Pai.

Mais uma vez encontramos o discipulado como um caminho difícil. Ele exige que sejamos seguidores de Cristo em primeiro lugar, buscando o Reino de Deus e sua justiça!

As demais coisas serão acrescentadas pelo Pai, mas é preciso destacar que as demais coisas são aquelas que necessitamos para a vida cristã e não aquelas que desejamos dentro da lógica do "mundo".

Refletindo em grupo

1. Como viver no mundo do acúmulo a lógica da missão?
2. Quantas vezes a Igreja não investe na missão, preferindo investir seus recursos em aplicações no mercado financeiro?
3. Faça uma lista sobre os sinais que você vê na sua comunidade do viver o Senhorio de Cristo contra a lógica deste mundo (aspectos positivos).
4. Na vida da Igreja cristã existem exemplos de pessoas que no interesse do acúmulo colocaram a prática da vida cristã em segundo plano. Comente sobre isto.
5. Por outro lado, existem exemplos de pessoas que buscavam uma "vida cristã intensa" entendendo que isto obrigaria Deus a lhes dar tudo aquilo que desejavam acumular. Comente!
6. A partir dos dois exemplos anteriores (negativos) tente traçar o perfil do que seria o verdadeiro cristão nos dias de hoje.



ENVIO: O CAMINHO DO DISCIPULADO

O texto

Mateus 10.1-25

(leia também Mateus 9.35-10.42)

Relendo

Temos diante de nós o envio dos discípulos à missão. Não é uma tarefa fácil. A prática da missão já vem carregada de sinais que devem marcar a vida dos discípulos (10.1-16).

Somam-se a estas dificuldades as perseguições que irão sofrer (10.17-23). Perseguições que acontecerão também em forma de calúnias. Se o chefe da casa foi chamado de Belzebu, quanto mais os familiares. Se Cristo foi caluniado e perseguido, quanto mais os seus discípulos.

Compreendendo

Este texto possui uma riqueza tão grande que poderíamos escrever várias unidades sobre ele. Por isso, temos que escolher uma única porta de entrada, deixando as outras de lado.

A nossa porta de entrada será o envio. Ser discípulo é estar pronto ao envio. É importante não perder esta dimensão, pois muitas vezes ouve-se falar de discípulos que se resumem a estudos, segmentos desvinculados... do seu complemento maior — o envio à missão Jesus chamou os

discípulos para aprender com Ele mas também enviou-os para cumprir a missão. Em nenhum momento fez promessas de “vida tranquila”, “promoções pessoais” ou mesmo “popularidade”. Antes, advertiu seriamente que seriam chamados até mesmo de “filhos ou servos de Belzebu”. A missão exigiu decisão e disposição por parte dos discípulos, que deveriam deixar tudo e segui-lo!

Vivenciando

A última lição desta sub-unidade (O discipulado) apresenta uma síntese do que vimos anteriormente. O discipulado é a resposta a um chamado para assumir um novo modo de vida. Esta resposta deve ser consciente e incondicional, tendo como centro da vida a busca pelo Reino de Deus e sua justiça. Este processo culmina com o envio.

A nova opção de vida fundamentada na busca pelo Reino e sua justiça e orientada pela vontade soberana do Pai, a qual centra todos os nossos valores e opções neste compromisso, explode em sua magnitude no envio à missão. Por isso, vida cristã sem envio é como um show de fogos de artifício sem as explosões. Tem-se os fogos, o lugar, o motivo mas não se atinge os propósitos. Assim, não há nem beleza e muito menos alegria.

Somos desafiados hoje a pagar o preço do discipulado em cada momento do nosso viver: em casa, no trabalho, na escola etc. Para isto é necessário uma opção pela vida e valores do Reino de Deus!

Refletindo em grupo

1. Analise com o grupo o termo “discipulado” à luz desta sub-unidade. Retome os pontos principais e procure fazer um quadro que deverá ficar afixado na parede da sua classe até o fim desta unidade.
2. Há em sua comunidade um programa de preparação de novos discípulos?
3. Como sua comunidade tem tentado suprir a falta de obreiros e obreiras para a missão?
4. Com base nestes estudos levante algumas dificuldades encontradas para realizar a obra de Deus em sua cidade.
5. Faça uma lista de expressões que no entender do grupo definem os termos “discipulado e missão”.

A MISSÃO E OS SINAIS

Nesta sub-unidade estaremos enfocando os sinais que caracterizam a missão. Os sinais são as marcas que aparecem na prática do discipulado, ou seja, “é pelos frutos que se conhece a boa árvore”. Estaremos vendo o sal e a luz do mundo, a ética do amor e do perdão e o alicerce do Reino — a justiça.

OSAL E A LUZ

O texto

Mateus 5.13-16

Relendo

Este texto se encontra no conhecido Sermão do Monte. Nele os discípulos são comparados ao sal e à luz. Duas figuras tão distintas e, ao mesmo tempo, servindo conjuntamente para definir o que é um discípulo.

O que aproxima as duas figuras é a impossibilidade de serem algo diferente do que são. O sal serve apenas para salgar, a luz para iluminar; só um louco a colocaria embaixo da mesa.

Compreendendo

O Sermão do Monte traz uma série de instruções para os discípulos. Nosso texto encontra-se na primeira parte, logo após as bem-aventuranças, uma espécie de introdução ao sermão. Assim, o texto que estamos abordando é a exortação de abertura deste sermão. (5.13-16) Pode-se perceber a importância que este texto tem para a pregação de Jesus neste momento.

Para entender melhor o texto devemos observar algumas de suas peculiaridades. A primeira é com relação ao sal. O sal constituía-se em elemento fundamental para a vida do mundo antigo. A função de dar sabor era a menor delas. Seu papel principal era o de conservar os alimentos, tanto para o consumo doméstico como para o comércio, permitindo que fosse vendida a carne de peixe, principalmente. Além de ser elemento fundamental no cotidiano do mundo antigo, outro detalhe que devemos destacar é que o sal não estraga. É um elemento da natureza que não perde sua característica fundamental.

Desta maneira percebemos os desafios que surgem a partir da compreensão do significado do sal. Ele é essencial para a manutenção da vida e nunca perde suas características. Os ouvintes destas palavras entenderam a lição que estava sendo apresentada. O sal não estraga, portanto o verdadeiro discípulo não pode perder suas características e seu papel de preservar a vida no mundo.

A segunda peculiaridade é com relação à luz. Ela está associada à impossibilidade de ser escondida e ao lugar que deve ocupar, no teto da casa e não embaixo da mesa.

Nesta referência à luz também temos as contradições que aparecem no sal. É uma loucura construir uma cidade em um lugar que não seja o alto de uma colina. Deste modo é impossível escondê-la, já que não é este o objetivo. Também é loucura esconder a luz. Se acendemos a luz é com o objetivo de iluminar. Acender a candeia para colocá-la em um lugar onde não alumia não será loucura?

Os desafios que surgem a partir da compreensão do significado da luz são vários. O papel do discípulo é iluminar o caminho do Reino. Assim sendo, ele não pode se omitir de sua tarefa. Fazer isto seria loucura?

Vivenciando

É comum em nossos dias ouvirmos comentários a respeito de pessoas que se envergonham de serem cristãs. Também encontramos aquelas que são muito "discretas" na prática do cristianismo. Existem algumas pessoas que compõem um verdadeiro exército de "agentes secretos" de Jesus. É necessário um esforço muito grande para descobrir que são cristãs.

Não é de estranhar, portanto, que este texto seja a primeira exortação do Sermão do Monte. Ser cristão é ser agente da missão. Ser cristão é praticar,

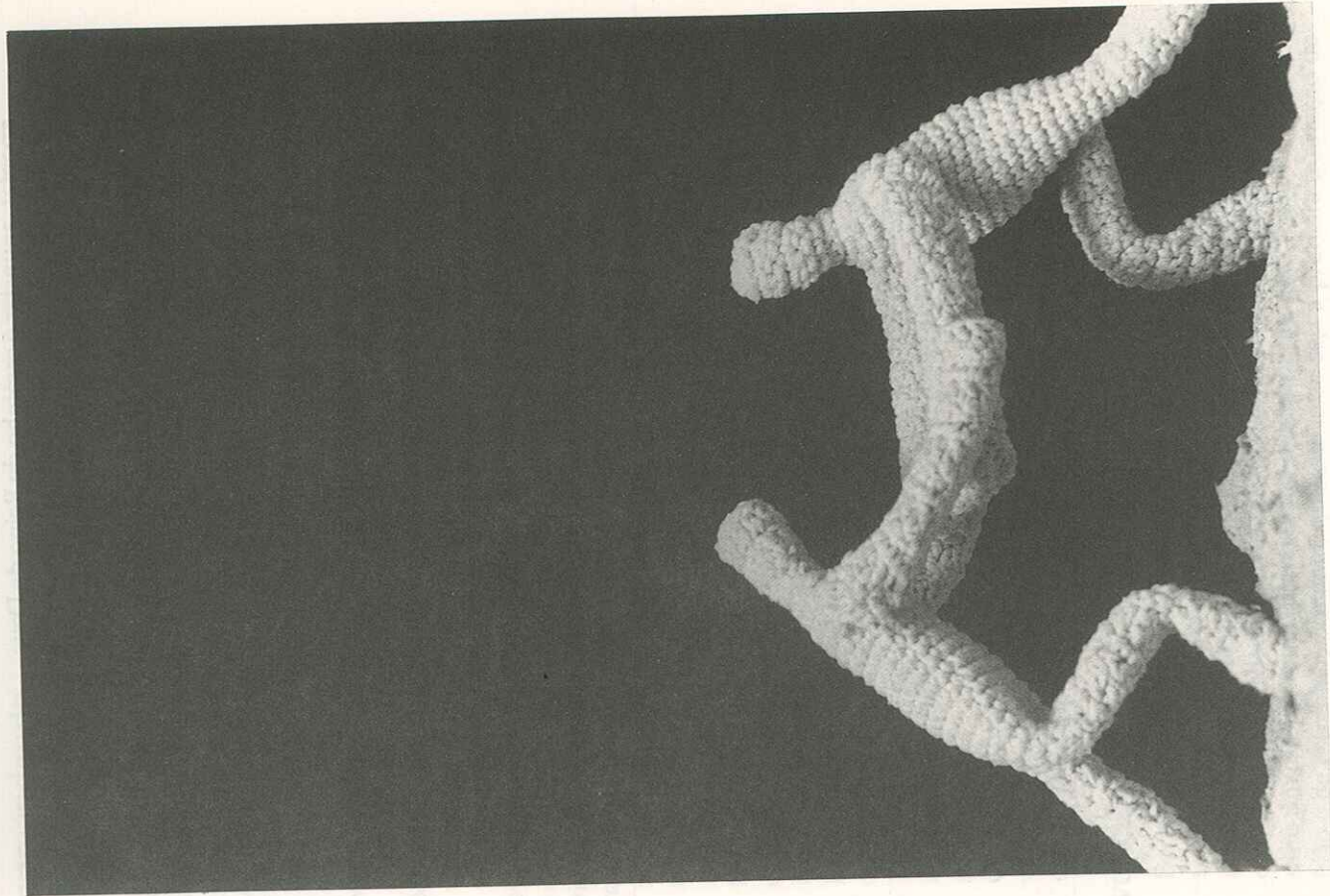
apontar, anunciar o caminho do Reino de Deus.

Por isso o cristão deve ser cidade edificada sobre o monte. A sua luz é vista de longe. É loucura querer esconder a luz; é loucura querer esconder que se é cristão.

O cristão é sal da terra. Do mesmo modo que este, não perde suas características. Não existe um cristianismo que não seja a verdadeira prática dos princípios do Reino, presentes na vida e ensinamentos de Jesus. O verdadeiro discípulo precisa refletir os valores do Reino de Deus em seu constante viver.

Refletindo em grupo

1. Comente no grupo sobre as interpretações que cada aluno conhece a respeito deste texto.
2. De que modo estas interpretações complementam ou contradizem o estudo feito aqui?
3. Comente sobre o que é ser cristão no mundo em que vivemos.
4. O que é ser sal e luz para sua classe, à luz do que se levantou na questão anterior?
5. Em que este estudo ajudou a classe a entender a necessidade de viver e praticar o evangelho do Reino, e o que pode ser feito para transformar o quadro, se negativo?



Arquiteto Maltese: Desenhado e feito à mão, este agente da cruzada, por volta de 1900.

AMAR OS INIMIGOS. É POSSÍVEL?

O texto

Mateus 5.43-48

Relendo

Continuamos no Sermão do Monte. Estamos agora em uma parte densa do sermão. O capítulo 5.17-48 tem como tema a justiça, a nova justiça do Reino de Deus que modifica os ensinamentos antigos.

Esta nova prática anunciada por Jesus baseada nos valores do Reino de Deus provoca uma inversão nas antigas leis. O habitual era amar o amigo e odiar o inimigo. A nova justiça anuncia o amor aos inimigos.

Compreendendo

Este texto busca confrontar dois conceitos diferentes de justiça. O primeiro baseado na reciprocidade, ou seja, tratar ao próximo da maneira que ele lhe trata. É a velha máxima conhecida: "Olho por olho, dente por dente". O segundo baseado na ética do amor: tratar ao próximo a partir desta máxima — a do amor — e não pelo princípio da reciprocidade. Este ensinamento contradiz a lei que os mestres (escribas e fariseus) do tempo de Jesus viviam e ensinavam. Por isso, não só invertia as relações como também entrava em

conflito com as autoridades da época. Contraditoriamente, a nova justiça do amor era uma justiça do conflito. Deve ser destacado que tanto na época de Jesus como na época da comunidade de Mateus havia uma oposição muito forte das autoridades religiosas aos seguidores de Jesus. Este ensinamento marca uma prática de vida diferenciada para os cristãos. Em meio a uma sociedade preconceituosa e violenta com aqueles que se colocam em posição diferente, o cristianismo é marcado pela prática do amor. Isto não significa que esta nova justiça não tenha produzido conflitos, tanto que Jesus foi crucificado, muitos apóstolos foram mortos e um número sem fim de discípulos sofreram violência, perseguição, prisão e até a morte.

O amor respeita as diferenças, aceita os inimigos mas não se omite frente às injustiças e às forças que se opõem ao Reino de Deus.

Vivenciando

O mundo em que vivemos está caracterizado por uma sede incontrolada de amor. Na luta desmesurada pelo poder, na organização de vida que a sociedade moderna impõe e na crise que vive o mundo, as relações se tornaram de tal modo impessoais que há um vazio enorme de amor.

Isto explica o sucesso de muitos movimentos que anunciam modos de vida apocalípticos baseados no amor. Já encontramos estes sinais no movimento *hippie* na década de 60. Depois disto afloraram movimentos que pregavam a violência como forma de protesto frente à sociedade moderna (*punks*, *skinheads*, guerrilha etc.).

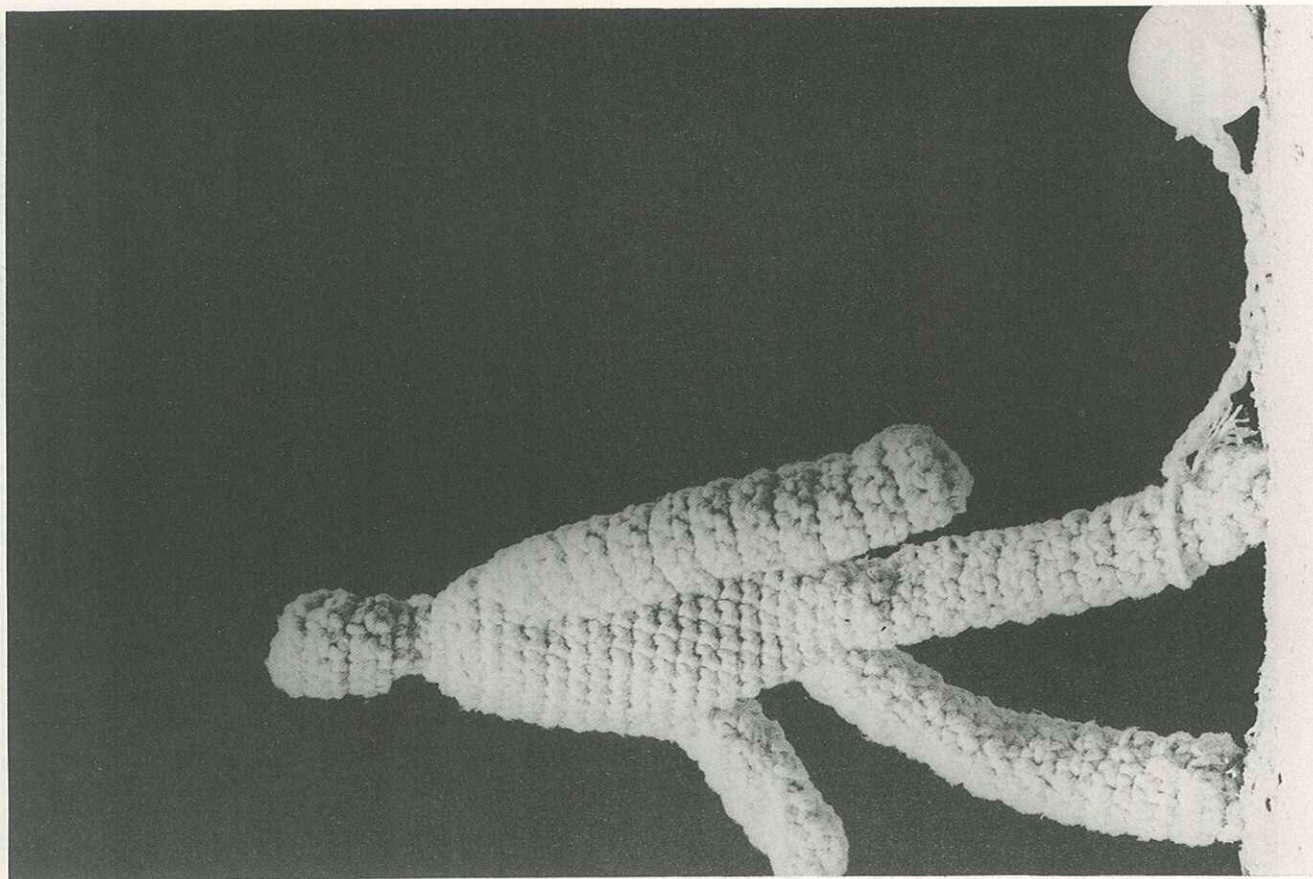
A ética cristã de justiça baseada no amor confundiu-se com os diversos conceitos de amor que foram surgindo a partir de todos estes movimentos. O conceito mais comumente associado ao conceito cristão é o de que viver o amor é viver bem com todo mundo, em harmonia com as pessoas e a natureza, sempre feliz. Não é isso que ensina o cristianismo. Por isso Jesus veio trazer "a espada e o conflito" (Mt 10.37-39).

A vida do cristão é marcada pelos conflitos característicos de um estrangeiro que mora fora da sua pátria. O amor surge em meio às relações, aceitando e amando os inimigos mas confrontando-se com as forças que se voltam contra o Reino de Deus. O amor aos inimigos é possível, é mandamento! O que não se aceita é a passividade diante da vida, e o que é pior, chamando a isso "amor".

Precisamos lutar contra o mal, ou até mesmo lembrar um antigo chavão: Deus não aceita/ama o pecado, mas ama e aceita o pecador. Paulo afirmou que nossa luta é contra as forças que produzem o mal. Precisamos viver o Amor e não só falar de "amor".

Refletindo em grupo

1. Quem são e onde estão os inimigos? Discuta com o seu grupo.
2. Amar ao inimigo é sujeitar-se à sua força e usos e abusos do poder?
3. Na comunidade é inevitável a visão diferente por parte dos membros. Como viver a unidade dentro da diversidade de pensamentos sem levar as coisas numa perspectiva pessoal (inimizades)? Faça uma relação dos problemas mais comuns gerados na comunidade por diferenças de opinião.
4. A partir destas diferenças, o que podemos fazer para criar na Igreja um ambiente saudável, fruto de uma profunda convivência com Deus, como sinal da maturidade cristã?
5. É possível amar os inimigos quando estes representam as forças do mal? O que fazer para vencê-las?
6. Crie em grupos "chamadas" para a comunidade descobrir e redescobrir a importância do amor verdadeiro e prático na Igreja.
7. Estabeleça metas para o crescimento da comunidade em termos de relacionamentos (conhecendo uns aos outros) e comunhão (respeito de uns pelos outros)



PERDÃO: UMA PRÁTICA DIFÍCIL

O texto

Mateus 18.10-14, 23-35

Relendo

O primeiro texto conta a história de um pastor de ovelhas que notando a falta de uma deixa as outras 99 nos montes e vai procurar a desgarrada. Quando encontra a perdida, sua alegria com ela é maior que com as 99 ovelhas.

O segundo texto traz uma outra ilustração, a de um rei que perdoou uma grande dívida de um servo. Ao sair da sala do rei, o servo, encontrando um conservo que lhe era devedor (uma pequena dívida em relação à do servo com o rei), passou imediatamente a cobrar a dívida e frente à impossibilidade do conservo pagar-lhe mandou prendê-lo. O rei ficou sabendo do acontecido e, criticando o servo, mandou-o para a cadeia.

Compreendendo

Para entender estes dois textos devemos destacar o fato de que eles se inscrevem na contravérsia dos judeus com os cristãos. É neste contexto que estas parábolas surtem efeito.

A parábola do pastor que se alegra com a ovelha desgarrada é uma crítica às outras 99 ovelhas. Os judeus entendiam-se como povo de Deus. A

escola mais radical pregava que não deveria haver proselitismo, uma vez que quem não fosse judeu (e conseqüentemente da religião judaica) não teria lugar no Reino de Deus. Com isso eles questionavam os cristãos, ameaçando-os, no caso da comunidade de Mateus, de expulsão da sinagoga. No segundo caso o peso está colocado na severidade do rei para com aquele que não perdoa e não tanto na insensibilidade do servo, que após ter sua dívida perdoada não soube perdoar a do seu irmão (conservo). Mais uma vez a crítica é dirigida à religião oficial da época.

Os textos buscam mostrar que Deus vê espaço de atuação do amor cristão naqueles que se encontram longe do caminho do Reino. Ao mesmo tempo, adverte que o Reino de Deus não tem "donos terrenos". Ninguém pode se considerar como modelo, infalível, possuidor das "chaves" de ingresso neste Reino.

Vivenciando

Estes textos, principalmente o primeiro, têm sido usados dentro das igrejas de maneira paternalista, colocando sobre um líder ou líderes o encargo de recolher as ovelhas perdidas (só que não se admite que o líder/líderes deixem as outras 99 para realizar esta tarefa).

Por isso, ao falar de perdão é preciso lembrar que este texto é advertência àqueles que fazem parte da comunidade de fé. Ser cristão é ser sensível à necessidade daqueles que estão a nossa volta, sabendo priorizar os que mais necessitam de nossa atenção/ação.

O perdão não é atributo nosso. É atributo de Deus. Ele perdoa primeiro; se aquele que foi perdoado não sabe repartir o perdão não é digno do Reino. Como consequência deste exercício de repartir o perdão surge a restauração. Um exemplo típico disso é o caso da mulher adúltera. Frente à condenação impiedosa dos ortodoxos da lei surge o perdão de Jesus, e com ele a possibilidade da nova vida: vá e não peques mais!

Infelizmente, muitas vezes não está presente na comunidade o espírito do perdão. Ainda hoje algumas pessoas acreditam que podem atirar a primeira pedra.

Refletindo em grupo

1. Comente com o grupo sobre as interpretações conhecidas destes textos.
2. Em que estas interpretações questionam a Igreja em sua função de repartir o perdão e ajudar na restauração daqueles que se encontram longe do amor de Deus?
3. Como você reage a esta afirmação: "Eu perdoou mas não esqueço"?
4. Como você reage a esta afirmação: "Fulano não se arrependeu, apenas sentiu remorso"?

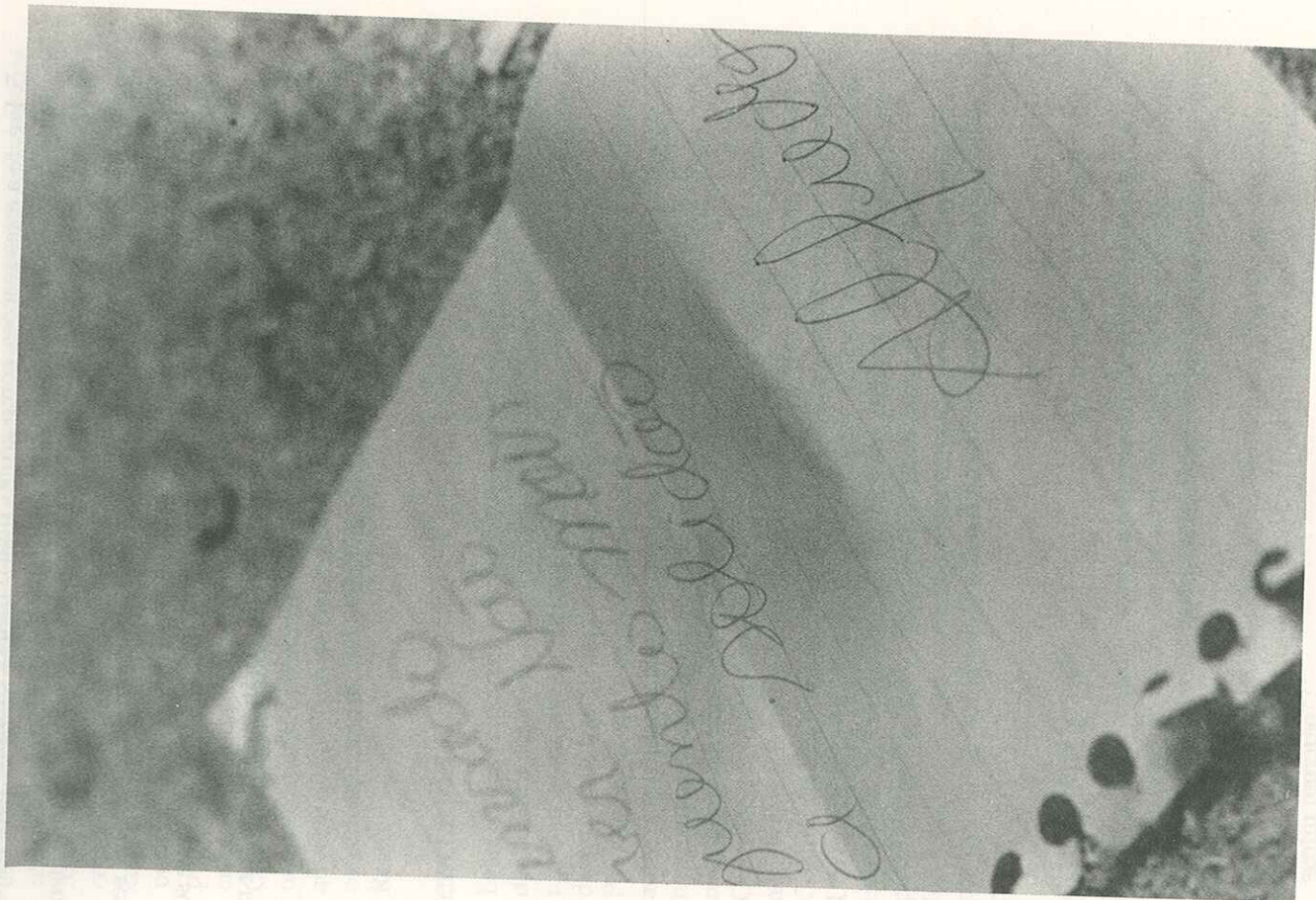
5. Frente a estas reações, como grupo, qual o melhor caminho para tratar alguém que está em pecado, precisando de ajuda?

6. Quem tem o direito de perdoar? Se Deus perdoa as nossas falhas, quem somos nós para imputar peso às falhas dos outros?

7. Olhando o aspecto de comunidade, como sua comunidade exerce seu papel frente àqueles que andam desgarrados da vontade de Deus?

8. Qual o papel e a importância da disciplina na Igreja? Como ela deve ser exercida e qual sua função?

9. Como grupo, faça uma lista de sugestões para a prática da disciplina na restauração de alguém que está longe da Graça de Deus.



O AMOR AO PRÓXIMO: SINAL DA MISSÃO

O texto

Lucas 10.25-37, 1 João 4.20-21

Relendo

O primeiro texto, suporte desta lição, ensina sobre uma das bases do cristianismo — o amor ao próximo. Neste texto ele é colocado como o maior dos mandamentos, junto com aquele considerado o mandamento primeiro, amar a Deus. Nesta formulação final, amar a Deus equivale a amar ao próximo. O segundo texto desenvolve essa idéia. Como se pode amar a Deus, a quem não se vê, sem amar ao próximo, a quem se pode ver?

No final do primeiro texto é acrescentada a parábola do bom samaritano. Nela é exemplificado o que é amar ao próximo e quem é o próximo. Conta-se a história de um homem (judeu) que sendo assaltado e abandonado à beira da estrada como morto não recebeu socorro das autoridades religiosas da época; ao contrário, foi acudido por um inimigo mortal dos judeus, um samaritano. Esta parábola foi dirigida a um jovem judeu, com certeza um fariseu (uma das autoridades religiosas da época).

Compreendendo

Como já vimos na lição sobre o amor aos inimigos, o Reino confronta dois conceitos diferentes de amor: um baseado na retribuição e outro na gratuidade. No caso do amor ao próximo temos um novo conceito apresentado: quem é o próximo. O conceito vigente diria que o próximo era o judeu (de mesma raça e mesma religião). É por isso que o texto começa com a consulta que o jovem fariseu faz a Jesus. Sabemos que ele é um fariseu porque se apresenta como cumpridor dos mandamentos desde pequeno.

“Qual é o maior dos mandamentos”? A pergunta é normal. A resposta também — já era encontrada nos profetas. Por isso o jovem entende a resposta de Jesus como sábia. Já era sua obrigação conhecê-la. A surpresa surge na ilustração de quem era o próximo. O próximo não eram os detentores da religião oficial mas sim aquele que é sensível à necessidade do outro, mesmo sendo um estrangeiro considerado um inimigo do povo. Esta lição é confirmada no texto de João. O amor a Deus revela-se a partir do amor ao próximo. Como se pode amar a Deus se não se ama ao próximo? Assim entendemos melhor o que é dito em 1 Jo 3.16: o verdadeiro amor consiste em dar a vida pelo próximo.

Deste modo o amor ao próximo se manifesta em sentido contrário aos interesses pessoais. O próximo é aquele que necessita da nossa prática e não aquele que afetivamente está mais próximo de nós.

Vivenciando

Vivemos em comunidade. Todos os segmentos de nossa vida estão vinculados a grupos comunitários. Isso se revela em nosso trabalho, nossa residência, nossos estudos e também em nossa prática de fé. Estamos sempre ligados a grupos.

Com isso, nossa prática de fé e outras práticas acabam definindo quem é o próximo pela afinidade de aspirações. Onde moramos, pelas pessoas que tenham o mesmo estilo de moradia e de convivência. No trabalho, com aqueles que têm profissões afins à nossa. Na comunidade de fé isso não é diferente: acabamos por identificar o próximo como aquele que apresenta convicções de fé e forma de expressá-las semelhantes às nossas.

O conflito surge quando aparecem pessoas diferentes em um destes espaços. Quando, por exemplo, mudam para nosso bairro pessoas de hábitos diferentes dos nossos e dos demais moradores há sempre uma reação de rejeição e de incômodo, que pode até expressar-se de forma violenta.

O mesmo acaba por acontecer onde nunca poderia surgir: o espaço da comunidade de fé. Quando aparecem pessoas com posturas, forma de vestir ou situação social diferente muitas vezes acabamos por reagir negativamente a elas.

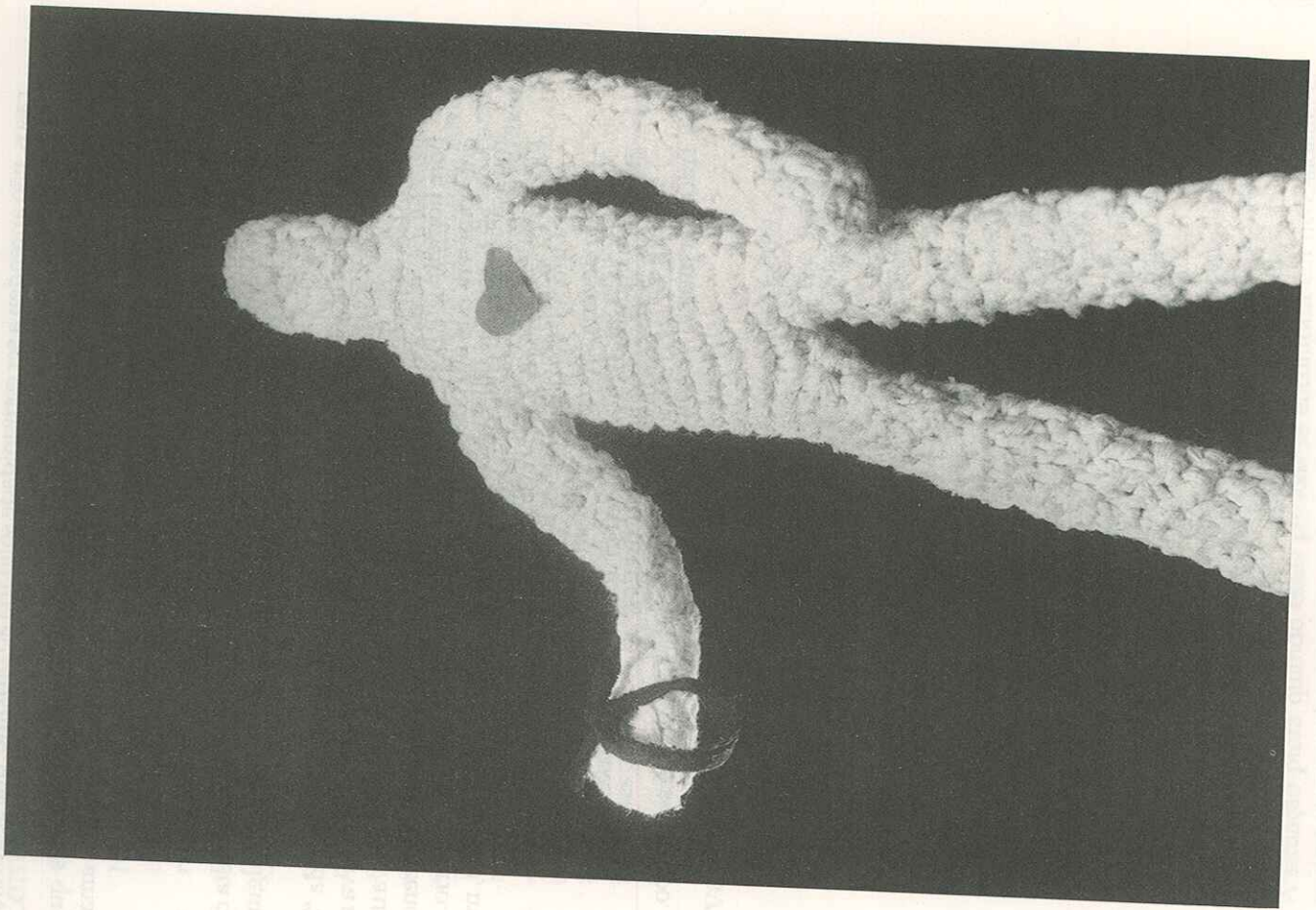
A situação piora quando essas pessoas se encontram em necessidade, e muitas vezes pode se tornar ainda mais complicada. A igreja, em muitos

casos, não aprendeu a ser comunidade solidária ao próximo, que se aproxima dela com necessidade esperançosa.

Amar ao próximo é revelar sensibilidade para reconhecer aqueles que necessitam de nossa ação cristã verdadeiramente solidária. O ato de amar não é uma opção, mas uma resposta.

Refletindo em grupo

1. Enquanto grupo, como vocês reagem quando o próximo se manifesta de uma forma que não preenche suas expectativas? É possível dar algum exemplo disto?
2. O compositor brasileiro Vinícius de Moraes fez uma música chamada “O meu vizinho do lado”. A música conta que ele e o homem que morava na casa ao lado sempre se cumprimentavam e ele (Vinícius) o considerava um bom homem. Um dia este homem se matou e deixou um bilhete dizendo que cometera este ato pois estava cansado de viver. Era um solitário. A música termina dizendo que o bilhete estava assinado por Alfredo, mas que ninguém sabia seu sobrenome.
 - Este é um retrato das relações hoje?
 - Quem deveria ser o próximo daquele homem?
 - Na sua comunidade, ou em seu grupo, existem pessoas assim?
 - O que é ser o próximo destas pessoas?
3. Trace um projeto de ação solidária que seja do alcance de seu grupo.



A NOVA JUSTIÇA

O texto

Mateus 5.17-20

Relendo

No texto Jesus se apresenta como cumpridor da lei, apesar dos fariseus o acusarem de não cumprir-la. Jesus anuncia que toda lei deverá ser cumprida, algo que escribas e fariseus também anunciavam. Mas neste momento acrescenta que se a justiça dos discípulos não excedesse a justiça de escribas e fariseus eles não entrariam no Reino de Deus.

Compreendendo

O texto apresenta uma grande contradição. De um lado, Jesus, que é acusado pelos fariseus e publicanos de beberão, glutton, Belzebu, samaritano (na época, uma ofensa) e, principalmente, violador da lei, apresenta-se como cumpridor radical da lei. De outro temos escribas e fariseus, que se orgulhavam de serem cumpridores estritos da lei, eleitos, guardiões e conhecedores das leis de pureza e de justiça. Estes são classificados por Jesus como "abaixo da média" para o ingresso no Reino de Deus.

Tanto que se alguém deseja ingressar no Reino dos Céus sua justiça deverá ser maior que a justiça destes que se considera própria justiça. Desta forma a nova justiça é um modo de vida que os discípulos deveriam assumir. Uma justiça que, como já afirmamos em lições anteriores, tem o amor baseado na gratuidade como uma de suas características.

A nova justiça, embora pareça "frouxa" por não ter as rígidas regras das leis de pureza, é extremamente radical, pois é a vida pautada nesta justiça que cumpre a lei.

Para fariseus e escribas a lei era um conjunto de regras a serem seguidas. No texto de Mateus a lei é retomada em seu sentido mais antigo de orientações para a vida. Por isso quando a prática da justiça é o lastro das ações a vida é orientada na direção do Reino de Deus e, consequentemente, cumpre-se a lei neste segundo sentido. Jesus não tinha uma prática marcada pelo rigor de regras, mas pela radicalidade da justiça em amor.

Vivenciando

Em nossas igrejas ouvem-se muitas vezes pessoas que desejam maior rigidez e um conjunto de regras mais bem definidas para serem seguidas. Também encontram-se clamores contrários, em que se busca uma forma de expressar a fé com mais liberdade e menos regras.

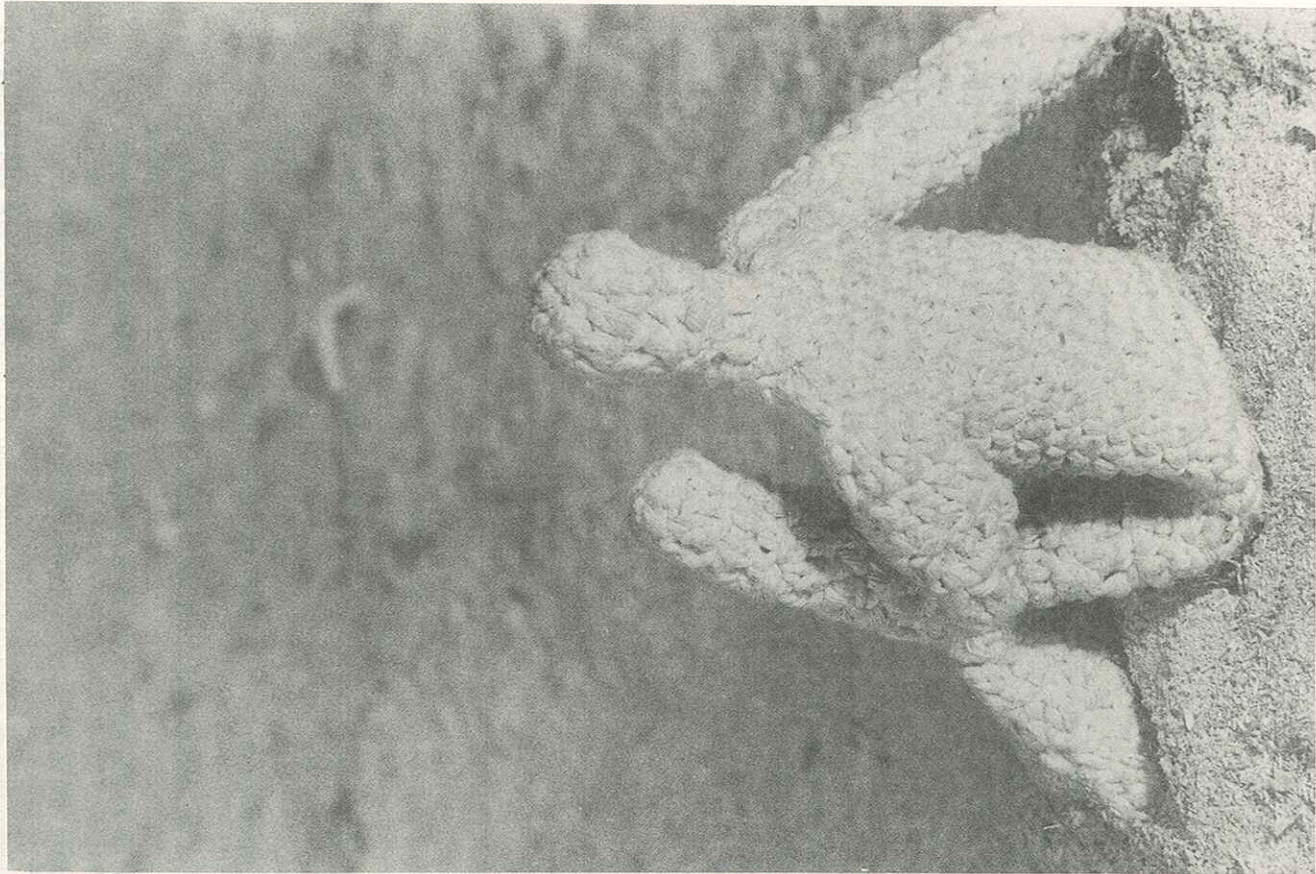
Em ambos os casos o conceito de justiça de Deus e do amor não estão bem compreendidos, uma vez que não há regra maior e mais radical do que da justiça em amor e nem uma liberdade maior do que expressar a fé em meio à prática da justiça.

Assim sendo, percebemos que as necessidades de regras escondem, muitas vezes, uma fé ainda infantil, sem maturidade para discernir a vontade de Deus que dirige a vida na prática da justiça.

Na prática da igreja é importante entender que a missão está em viver este novo estilo de vida, ou seja, entender que o chamado de Jesus para a liberdade não pode dar ocasião à carne. Ou ainda, entender que Jesus nos oferece esta oportunidade quando diz: "Vai não peques mais". Ele não faz um discurso nem estabelece um novo código de leis, apenas insiste em que o pecador deve viver uma nova vida. O novo estilo de vida é pautado pela justiça do Reino de Deus.

Refletindo em grupo

1. À luz do que se estudou nesta lição, como você caracteriza seu grupo ou sua igreja?
2. Quais os desafios que o novo estilo de vida coloca para seu grupo e sua igreja?
3. De que modo estes desafios podem criar uma nova prática na vida da comunidade?
4. O que o grupo entendeu como "sinais da missão" nesta sub-unidade? Faça uma avaliação (aspectos teóricos e práticos).
5. Faça uma retrospectiva dos pontos positivos que a classe trabalhou nesta sub-unidade e de que modo eles ajudaram vocês a sinalizarem melhor o Reino de Deus.



A MISSÃO E A COMUNIDADE

Nesta terceira e última sub-unidade estaremos abordando um aspecto fundamental da missão — a dimensão comunitária. Estaremos refletindo sobre como ela apresenta desafios a uma comunidade que quer prestar um serviço solidário como resposta a um “ide” de Jesus.

Para isso é necessário ter uma visão de comunidade missionária a serviço do povo.

A VIGILÂNCIA

O texto

Mateus 24.42-51

Relendo

Este texto aparece em meio à pregação apocalíptica. Nele a preocupação pelo final dos tempos é marcada por uma exortação contrária às expectativas. Ninguém saberá quando se dará a volta de Cristo. Consequentemente a espera deve ser marcada pela vigilância.

Esta é a intenção da ilustração final apresentada, onde temos o exemplo de um servo fiel e prudente que foi colocado para tomar conta da casa da

criadagem. Achando que o Senhor iria demorar para voltar, passou a abusar dos servos, oprimindo-os. A advertência é que o Senhor pode voltar cedo, em horário inesperado, esurpreendendo o empregado nesta atitude agirá de forma violenta contra ele, provocando choro e ranger de dentes.

Compreendendo

Os capítulos 24 e 25 de Mateus constituem-se no discurso apocalíptico. A preocupação pelo final dos tempos sempre marcou a história do povo de Deus e no movimento de Jesus esteve presente em vários momentos. Após o surgimento da Igreja esta reflexão voltou à tona várias vezes, como percebemos, por exemplo, no capítulo 21 do evangelho de João. Muitos acreditavam que Jesus voltaria antes da morte do Apóstolo. Desta maneira, os ensinamentos cristãos apareceram sempre de forma exortativa para que a busca do final do mundo não viesse a ser o caráter normativo da vida dos cristãos. A norma de vida deveria ser a vigilância. Mas o que é vigiar? Não há como esperar a volta do Senhor. Por isso a vigilância verdadeira é a prática de vida fundamentada nas lições do Reino. As exigências que o Senhor coloca através de suas palavras formam o alicerce no qual fundamenta-se a prática da comunidade de fé, que aguarda em vigilância missionária a volta do Senhor.

A vigilância missionária é o cumprimento da vocação cristã em todos os momentos da vida de cada indivíduo e da comunidade como um todo, a fim de que estejam sempre prontos para a volta do Senhor. Como se ouve hoje em dia, devemos viver com a esperança de que Cristo volte amanhã. Mas conscientes de que o dia ninguém sabe e há dois milênios, praticamente, os cristãos aguardam a volta de Cristo para amanhã!

Vivenciando

Não é necessário falar quanto atual é este tema. Basta ligar a TV, ou o rádio, para ver ou ouvir mensagens proclamando o fim dos tempos. Isto pode gerar um falso cristianismo, onde a prática de vida é fundamentada no medo pelo fim não na conversão verdadeira do indivíduo e da comunidade. Assim sendo, a vocação cristã é desenvolvida em meio a esta vigilância missionária, na qual aguardamos a volta do Senhor trabalhando por sua causa com verdadeira convicção interior.

Precisamos lembrar que existem outros momentos relatados pela Bíblia, como o caso da igreja em Tessalônica, onde as pessoas não queriam trabalhar e impediam os outros de trabalharem, para aguardar Jesus e sua volta. Paulo exorta que "aquele que não trabalha, não coma". Aguardar a volta de Jesus é um ato de esperança, porém não uma esperança passiva. É, antes de mais nada, uma esperança marcada por trabalho e atenção constante à vontade de Deus e aos imperativos do seu Reino.

Refletindo em grupo

1. Usamos nesta lição uma expressão que não existe no meio religioso — vigilância missionária. Como você e sua classe conceituariam esta expressão?
2. Faça uma lista das expectativas que devem marcar a vida dos cristãos e outra das expectativas que não devem marcar sua vida.
3. Comente sobre as duas listas e como você e seu grupo se posicionam frente a elas.
4. A parábola fala do servo bom e prudente, a quem foi confiada uma tarefa que não foi cumprida. O que é ser bom e prudente frente aos conceitos discutidos nesta lição? Como você aplicaria isto na sua vida e ao grupo?
5. Como podemos nos posicionar frente a grupos que pregam um fim iminente do mundo e não estão fazendo nada em favor do Reino de Deus? Qual é a sua posição?
6. Existem muitos pregadores que, embora anunciem o fim iminente, continuam a viver como se isto não fosse acontecer. Ao contrário, guardam dinheiro, fazem grandes investimentos, constroem casas, colocam seus filhos na escola e outras atitudes que mostram uma preocupação com o futuro que, segundo a pregação deles, não existirá. Como seu grupo analisa esta situação?

O LAVA-PÉS

O texto João 13.1-17

Relendo

O texto fala da celebração da Páscoa. Nela Jesus e os discípulos preparam-se para participar do ritual. Em determinado momento, em uma atitude surpreendente, Jesus passa a realizar uma atividade própria dos escravos: lava os pés dos discípulos.

Pedro se revolta contra a atitude de Jesus, pois não aceita sua ação de lavar os pés. Jesus estabelece um diálogo com Pedro, obrigando-o a aceitar esta atitude.

Compreendendo

Para entender o conflito que está por trás do texto e que se reflete fortemente na ação de Pedro, devemos destacar o que significa lavar os pés.

O ato de lavar os pés é um gesto de hospitalidade e de amizade. Era algo normal. O grande problema é que este ato era realizado por escravos não judeus, pelas mulheres ou ainda pelos filhos menores da casa. Era um serviço destina-

do às pessoas consideradas "desprezíveis" pelos costumes judaicos. Isto é reforçado pela vestimenta de Jesus, que se veste como um escravo para este momento. Com isso entende-se o protesto de Pedro. Como servo ele deveria lavar os pés de Jesus e não o inverso. Esta atitude provoca uma inversão no conceito de missão. O papel daquele que executa a missão é o de servir e não o de ser servido. Não podemos nos esquecer de que o meio religioso que marcava o primeiro século era caracterizado pela supremacia dos doutores da lei e sacerdotes sobre os incultos e pecadores. Um exemplo disto é a atitude de um mestre religioso para com uma mulher. Recomendava-se que ele não deveria conversar com uma mulher em público, nem que fosse sua própria mulher. Alguns, mais radicais, evitavam até olhar para uma mulher.

A inversão acontece quando o próprio Jesus acaba por assumir uma atividade característica de escravos, mulheres ou crianças - que eram considerados inferiores. A missão não é espaço para exaltação e orgulho, mas sim lugar de serviço em humildade. Os que compreenderem esta missão serão felizes (v. 17).

Vivenciando

Vivemos em uma Igreja que assumiu uma estruturação na forma de Dons e Ministérios. Isto significa que os ministérios são exercidos a partir dos dons que caracterizam cada cristão. Assim sendo, a posição ocupada é posição de servo, aquele que veio para servir aos demais.

Esta estrutura provoca dificuldades porque ainda existe nas comunidades uma mentalidade de Igreja como espaço de realização pessoal e autopromoção. Infelizmente, ainda existem pessoas que acreditam ser "donas da igreja".

O texto do lava-pés, como na época de Jesus, é ainda hoje um alerta para que a missão seja espaço de serviço e voltada para a necessidade do próximo, lugar onde os desejos de autopromoção e auto-exaltação não se façam presentes dando lugar à convicção de que o servir ao próximo é a expressão da vontade missionária de Deus.

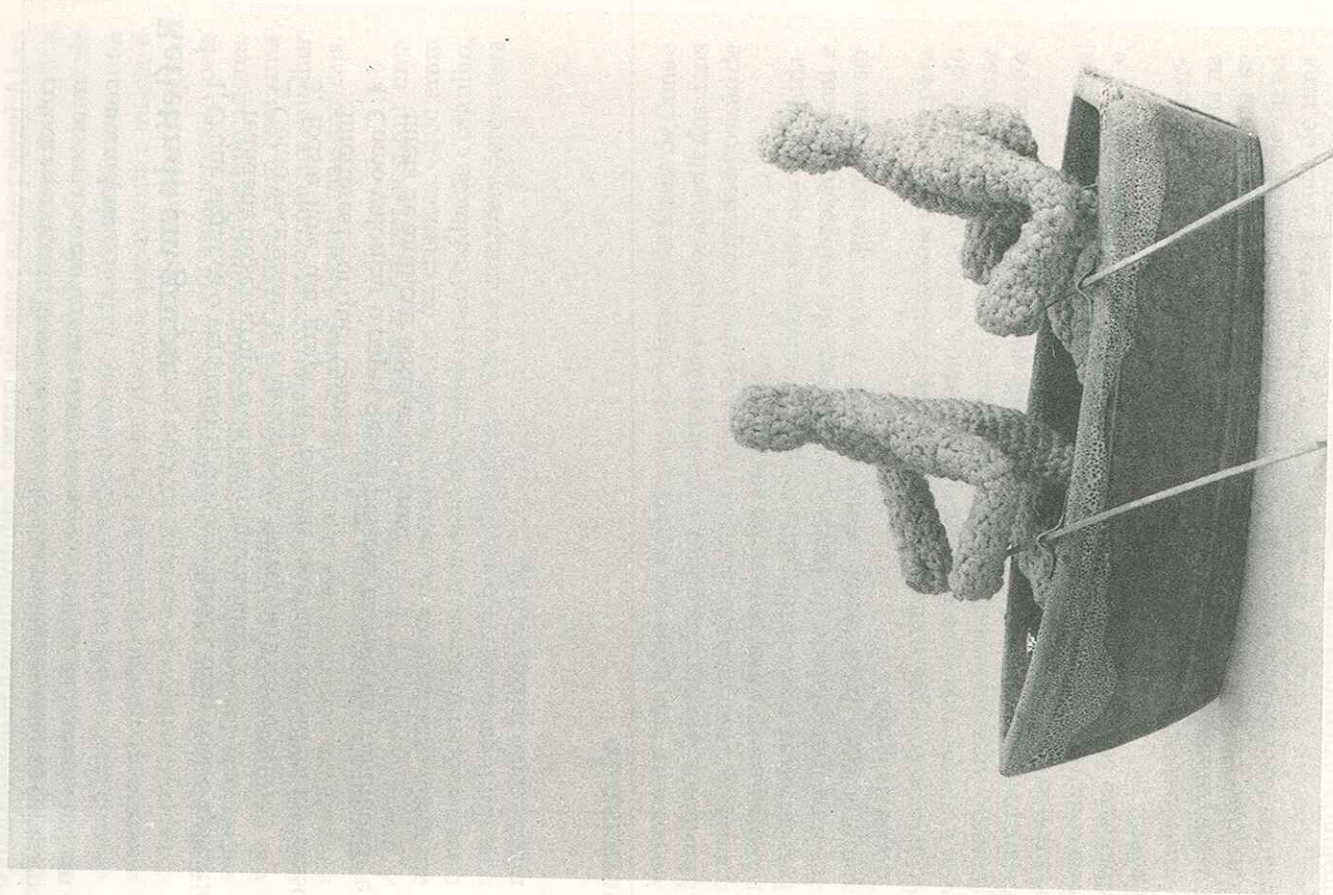
Esta compreensão de missão como serviço ao próximo traz à tona a velha discussão sobre "Igreja Dons e Ministérios" contra "Igreja Cargos e Poder"!

A missão acontece quando humildemente assumimos os nossos compromissos para fazermos parte da igreja e executarmos qualquer tarefa na convicção de que estamos servindo ao nosso Deus. Não importa se estamos fazendo um "cafézinho", participando da administração ou na recepção dos trabalhos da Igreja. Tudo o que é feito é fruto de uma profunda experiência com Cristo e serviço alegre a Deus.

A Igreja realiza a missão quando definitivamente assume os dons e os coloca a serviço do Reino de Deus. Precisamos renovar nossa experiência ministerial como Igreja e como pessoas a serviço da Igreja e também da comunidade.

Refletindo em grupo

1. O que significa o versículo 17 do texto lido? Como você o aplicaria à realidade de seu grupo e de sua comunidade?
2. Como você entende o antigo lema "viver para servir"?
3. Existe hoje um grupo de pessoas que são consideradas pessoas inferiores? Por quê? Como?
4. Como valorizar o papel dessas pessoas na vida da comunidade e na tarefa de anunciar o Reino de Deus?



UNIDADE: UM DESAFIO DA MISSÃO

O texto

João 17.16-26

Relendo

O texto é parte da oração de Jesus que tem como tema central a unidade dos filhos de Deus. O discurso é simples. Do mesmo modo que Jesus e o Pai são um, o povo também deve ser um a fim de que aqueles que não fazem parte do povo escolhido venham também a ser.

Compreendendo

Este texto deve ser visto à luz dos conflitos que marcavam a comunidade de João. Esta comunidade vivia uma iminência de ruptura, marcada pelas diferenças internas. Havia diferenças teológicas e culturais, entre outras. Alguns acreditavam que Jesus não havia vindo em carne, outros eram seguidores de João Batista e, para completar, ainda sofriam pressão da sinagoga, que queria expulsar os que se consideravam cristãos obrigando os que eram apegados à sua tradição judaica a terem que renegar sua fé em Cristo.

O evangelho de João busca retomar os ensinamentos de Cristo à luz destes conflitos.

Um tema que não poderia faltar é o da unidade. A missão seria levar outras pessoas a ingressar no caminho do Reino. O Reino cria unidade; portanto, ela deve ser, uma característica do povo que vive neste caminho. Por isso a percepção externa da existência de um grupo cristão deve acontecer a partir da unidade que este grupo apresenta. Esta é a mensagem que este texto procura transmitir. A unidade como sinal da presença de Cristo em meio à comunidade é um ponto forte da concepção cristã. Enquanto a religiosidade judaica separava as pessoas, classificando-as em puras e impuras, o Reino de Deus cria uma unidade entre as pessoas tornando-as irmãos e irmãs, participantes de uma mesma comunidade de fé e esperança, unidas não em termos de observações de práticas e ritos mas em termos de fé e esperança.

Vivenciando

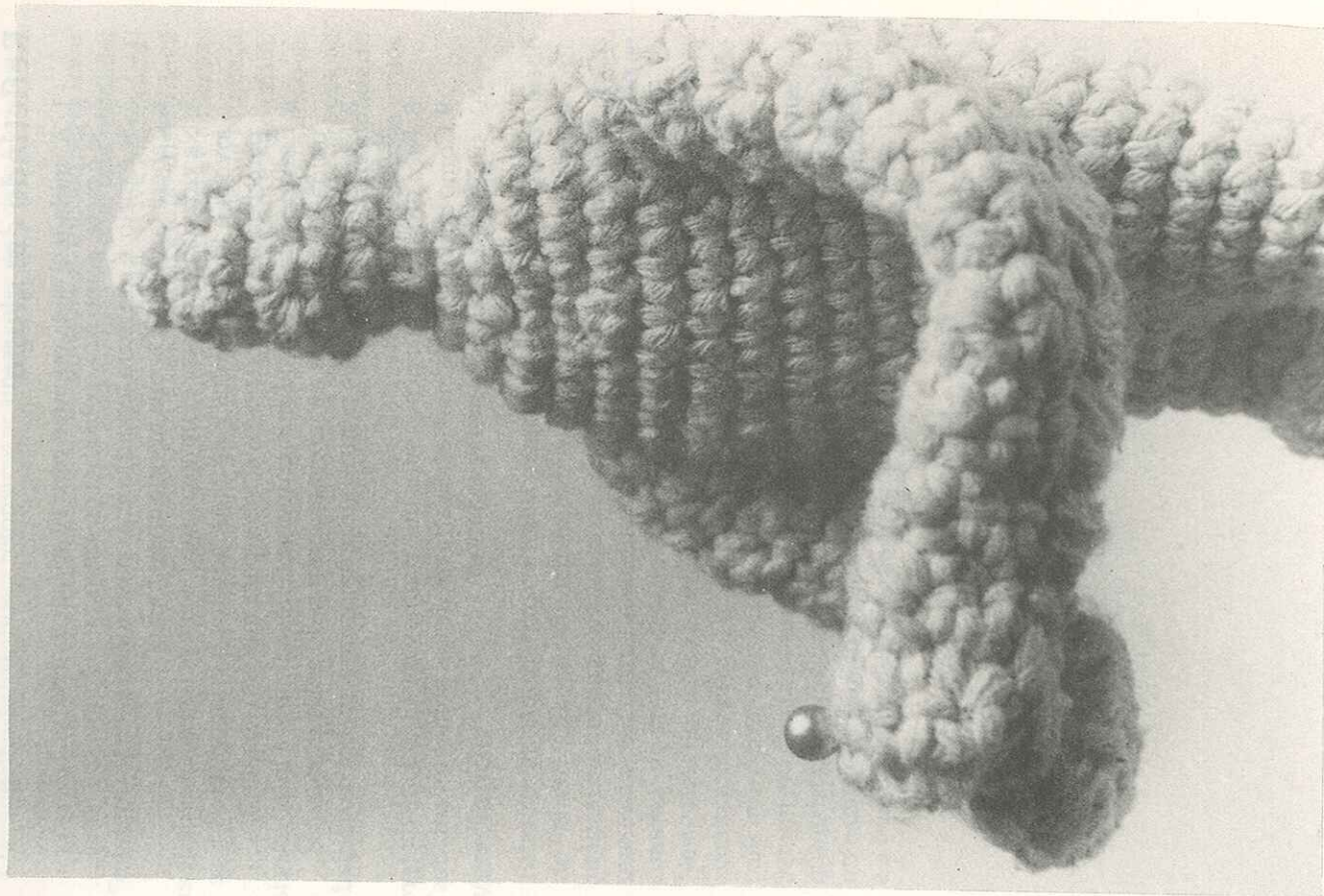
Falar de unidade dentro da Igreja é um tema que não pode ser chamado de "novo". Quando um tema é muito usado, é sinal de que ou ele é da prática comum ou é algo ainda não apreendido pela comunidade. Cremos que estamos dentro do segundo caso - a busca pela unidade ainda se constitui no grande desafio de nossos dias.

Neste desafio, o texto acrescenta uma argumentação muito forte para acentuar esta busca: o que dá confiabilidade à nossa mensagem, fazendo com que outras pessoas creiam, é a unidade.

Ser um em Cristo é aprender que é possível vivenciar a unidade, mesmo que exista a diversidade de opiniões. Ser um não pressupõe submissão a uma única "idéia", mas a prática do respeito às diferenças de pensamento e a busca, acima de tudo, da prática do amor.

Refletindo em grupo

1. A unidade é meta ou meio para se atingir a meta?
2. Se é meta, como fica o objetivo de anunciar o Reino de Deus?
3. Se é meio, é um meio forçado ou é consequência deste caminho?
4. Caberia a frase: "Os fins justificam os meios"?
5. Na vida da igreja, conseguimos como jovens perceber a unidade entre jovens e jovens, jovens e adultos, adultos e crianças etc.? E se não percebemos, o que é possível fazer para que isto aconteça?
6. Em que esta lição ajudou o grupo na reflexão sobre a importância da unidade para a vida da Igreja e a prática do amor e respeito?
7. Faça uma lista de cinco pontos que promovam a quebra da unidade da Igreja.
8. Faça uma lista de cinco pontos que promovam a unidade da Igreja.
9. Como tornar a Igreja mais unida através destes pontos levantados? Dê sugestões. Estabeleça metas e planos!



A GRANDE COMISSÃO

O texto

Mateus 28. 19-20 e Marcos 16.15-16

Relendo

O final do evangelho de Mateus é formado por estes dois versículos. Neles encontramos o grande desafio missionário de ir por todo o mundo pregando, ensinando e batizando em nome do Pai. A promessa final é a presença de Jesus todos os dias até a consumação dos séculos.

Compreendendo

Quando lemos as parábolas do Reino em Mateus, com ênfase no tesouro encontrado no campo, na pérola de grande valor, percebemos que esta comunidade enfrentava problemas de pessoas que não davam o devido valor aos princípios do Reino.

Por isso, o evangelho como um todo busca retomar aspectos fundamentais da vocação cristã. O final acaba por sintetizar estas grandes lições. A vocação cristã está fundamentada no envio, e desenvolve-se na prática do anúncio (pregação), do ensino e do batismo.

O Reino é tesouro a ser encontrado e isto é apreendido através do anúncio e do ensino. É tesouro que move o centro da vida fazendo com que “vendamos todas as coisas para poder comprá-lo”, ou seja, assumimos um compromisso de viver a realidade do Reino em todos os instantes da vida. Isto é simbolizado no batismo. A companhia de Cristo — desejo de todos os cristãos — acontece no desenvolvimento desta vocação. Ao assumir o envio ele se faz presente em nossa prática missionária.

Vivenciando

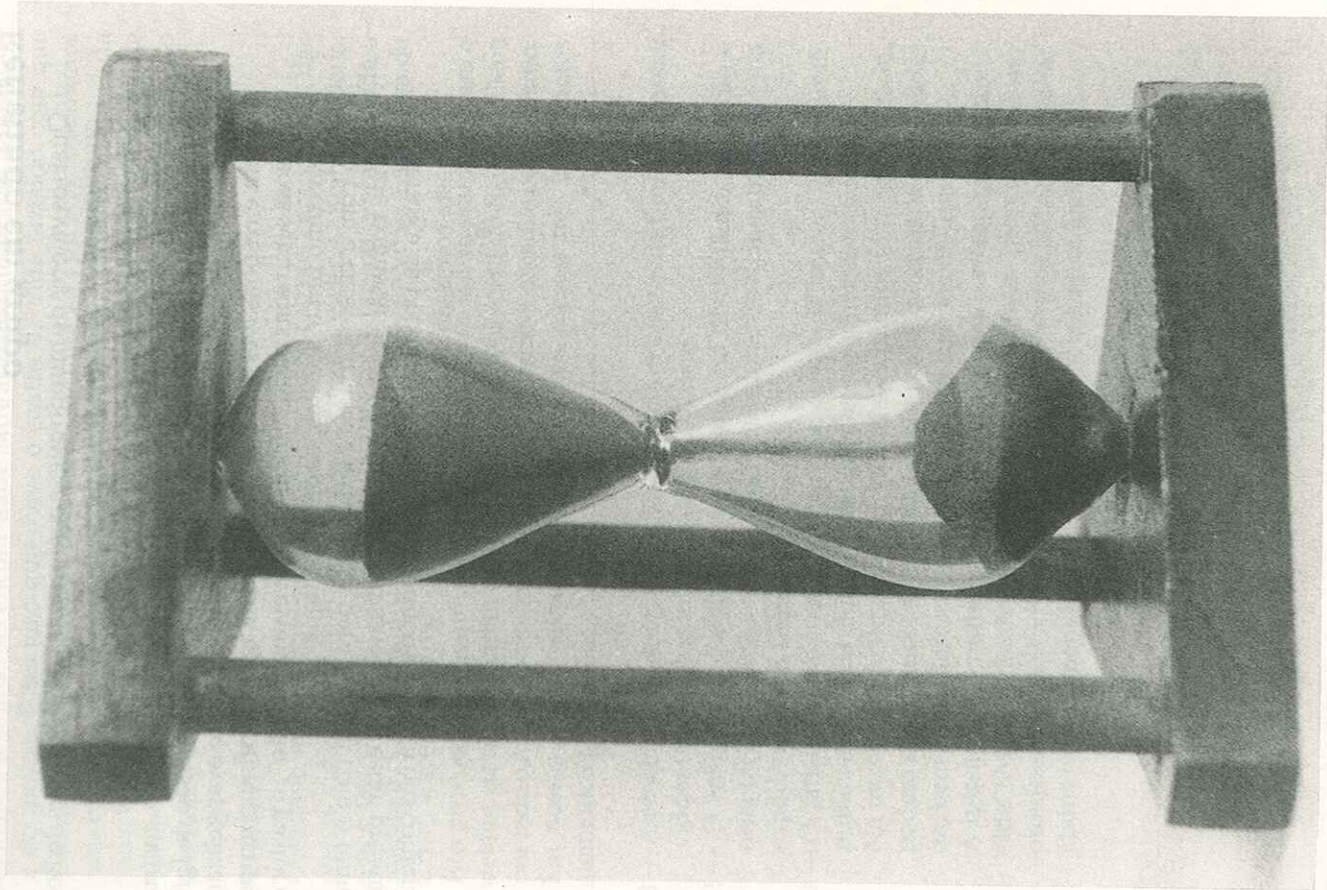
O mundo em que vivemos nos ensina a colocarmos como centro das nossas vidas o acúmulo para o nosso próprio deleite. O Reino de Deus, que é por excelência prática missionária, coloca como centro da vida a missão e condiciona nossas expectativas cristãs de viver a presença de Cristo à aceitação do envio.

Isto provoca um choque de expectativas. De um lado o acúmulo para o deleite, de outro a vida vivida para levar a mensagem do Reino de Deus por todo o mundo através do anúncio e do ensino marcados pelo batismo. Em nossas igrejas precisamos estar atentos a estes três importantes elementos da missão:

- 1 — A proclamação como pregação, anúncio dos feitos de Deus em nossas vidas através do ministério de Jesus Cristo.
 - 2 — O ensino como elemento importante no discipulado, formação e orientação daqueles que assumem os valores do Reino através de sua experiência com Deus.
 - 3 — O batismo como sinal da nova vida, ou seja, a “marca” por assumir publicamente sua experiência com Deus e com a comunidade.
- Na missão, se qualquer um destes três elementos for negligenciado, poderá surgir uma comunidade sem sentido, deformada e descuidada, bem como descomprometida com os ensinamentos de Jesus Cristo.
- A missão hoje continua sendo realizada com o mesmo imperativo: “Ide”! Mas precisamos lembrar que Jesus continua presente, pois sua promessa foi até “o fim dos séculos”. Por isso precisamos caminhar juntos nesta dimensão do Reino de Deus e sua nova justiça!

Refletindo em grupo

1. Quais os valores do mundo que se confrontam com os valores do Reino, questionando a grande comissão?
2. Como você avalia a ênfase no anúncio, ensino e batismo?
3. Qual a importância da formação de grupos para reflexão, instrução sobre os valores do Reino e o ministério de Jesus na missão da Igreja?
4. Qual é a ênfase dada na Igreja para a missão enquanto evangelização?
5. Quem é responsável pela evangelização na igreja local: um grupo de pessoas separadas para o “ministério da evangelização”, o pastor ou a igreja como um todo? Responda e justifique!
6. Faça com a classe cartazes motivadores para a igreja com o tema da grande comissão: anúncio, ensino e batismo. Deve estar presente a lembrança da presença, autoridade e poder de Cristo a nós conferidos por esta comissão. Bom trabalho!



VISÃO MISSIONÁRIA

O texto

Atos 1.6-8

Relendo

No momento da ascensão, os discípulos apresentam uma última pergunta para Jesus: quando iria ser implantado o Reino de Deus? Jesus responde: "Não vos compete conhecer os tempos e épocas que o Pai a si mesmo reservou". A isso acrescenta que receberão poder para serem testemunhas de Cristo em todos os lugares do mundo.

Compreendendo

Estes versículos servem como introdução ao livro de Atos - são o projeto que o livro quer mostrar. Os discípulos, imbuídos do poder do Espírito Santo, chegam com o evangelho até os confins da terra.

Este texto possui algumas questões importantes para serem destacadas. A primeira delas está ligada à ansia por conhecer o final dos tempos. Esta é uma tendência antiga que se fez presente de maneira muito forte na época do Novo Testamento. A exortação é muito direta.

Final dos tempos é da competência única do Pai. O que compete ao povo de Deus é a missão. Para exprimir isto, o texto apresenta duas palavras muito fortes que são traduzidas por "tempos ou épocas". A palavra usada para tempo indica o tempo cronológico - este tempo é o tempo próprio dos seres humanos na forma em que organizam sua vida. A palavra época é a tradução de um termo que também poderia ser traduzido por "tempo". Só que este tempo não é igual ao tempo cronológico, é o tempo de Deus. A melhor tradução seria "tempo oportuno". Com isso o texto reforça a ideia de que não compete aos seres humanos conhecer absolutamente nada a respeito do tempo futuro. A segunda delas está ligada à promessa do poder - o Espírito Santo. Antes da descrição da competência humana, o texto introduz a promessa do poder do Espírito com uma palavra também forte. A palavra traduzida por poder indica um poder dinâmico. Ou seja, poder do Espírito é um poder que gera movimento, que gera ação. Por isso este texto é a introdução ao livro de Atos dos Apóstolos. O texto afirma que qualquer poder que não gere missão não é do Espírito Santo.

A terceira delas é consequência desta segunda. A competência dos discípulos é de serem testemunhas de Cristo, começando pelo lar (Jerusalém), passando pelos vizinhos (Judéia), atingindo os inimigos (Samarita) para, enfim, alcançar os confins da terra.

Por isso o livro de Atos termina de maneira tão estranha, com Paulo preso em Roma. O que aconteceu a Paulo? O texto não fala, pois não quer falar sobre pessoas, por mais importantes que possam ser. Quer falar da mensagem cristã chegando ao extremo da terra (Roma).

O texto anuncia que a vocação básica do cristianismo é a missão. Não fazem parte desta vocação as adivinhações futurísticas ou as manifestações de algum poder que não seja o poder do Espírito, que gera missão e não a exaltação de pessoas, mesmo que possam ser Pedro ou Paulo. A missão é a carteira de identidade cristã!

Vivenciando

Este texto tem uma ligação muito grande com as nossas igrejas hoje. Cremos que estes desvios estão presentes em nosso meio. Muitas vezes ficamos como os discípulos, olhando para o céu, buscando ver a volta de Cristo. Outras vezes buscamos manifestações do Espírito que atendam à nossa vaidade, recusando vocações para atividades que não sejam as mais importantes. Por fim, não menos tentadora é a busca de que nossa história pessoal seja contada. Assim, muitas vezes o conceito de missão fica descartado como algo sem importância. A busca pelo poder e pela autopromoção acaba gerando um movimento que não é um movimento missionário, e nem fruto do Espírito Santo.

As nossas comunidades são desafiadas a escreverem sua história a partir da prática missionária. Uma história que não fale de pessoas, nem de "heróis da fé", mas que fale do testemunho do evangelho de Cristo que ainda busca atingir até os confins da terra, sem deixar de lado a casa, os vizinhos e aqueles que não nos são agradáveis.

Refletindo em grupo

1. Destaque os pontos principais da lição.
2. Seu grupo tem "carteira de identidade cristã"?
3. Fale sobre isto!
4. Olhando esta revista como um todo, destaque os pontos principais do aprendizado sobre a missão.
5. Faça alguns cartazes com estas ideias principais.
6. Se possível faça um relatório destas principais observações e envie para nós da redação. Acrescente sugestões para melhorarmos esta nossa revista! Obrigado!

Produzido pela Editora do IMS

Instituto Metodista de Ensino Superior
Rua Alfeu Tavares, 127 Rudge Ramos
09735-460 - São Bernardo do Campo - SP
Tel: (011) 457-3733 ramal 1034
Fax: (011) 455-3349

Supervisão Editorial
Flávio Itala

Gerente de Produção e Arte
Samuel Fernandes

Gerente Administrativo
Adilpe Miguel Júnior

Capa e Projeto Gráfico
Otávio Sanches

Paginação
Maria Zélia Firmino de Sá
Robson Lalucce Ricci

Secretaria
Selma Aparecida Rodrigues de Almeida

Fotolitos
Litokromia / Bandelirantes

Os bonecos utilizados nesta revista foram feitos por Selma Aparecida Rodrigues de Almeida, esculturas em papel; Samuel Fernandes; fotografia: Otávio Sanches.